

SÊNECA

DA CLEMÊNCIA

DE CLEMENTIA AD NERONEM CAESAREM

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS - LATIM



Montecristo
Editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SÊNECA

“CLEMÊNCIA É A MODERAÇÃO DE
ESPÍRITO HUMANO NO
DESEMPENHO DO PODER DE
CASTIGAR

Da Clemência

Tradução, introdução e notas de
ALEXANDRE PIRES VIEIRA



©2018 Copyright Montecristo Editora

LÚCIO ANEU SÊNECA

Da Clemência

De Clementia ad Neronem Caesarem
Lucius Annaeus Seneca

Supervisão de Editoração/Capa
Montecristo Editora

Tradução
Alexandre Pires Vieira

Original em Latim
[The Latin Library](#)

Imagem da Capa
Relevo do monumento a Marco Aurélio, Clemência aos suplicantes bárbaros 176-180 CE
Museu Capitolino, Roma, Itália.

ISBN:
978-1-61965-130-2 – Edição Digital

Montecristo Editora Ltda.
e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
SÊNECA

Da Clemência / Sêneca; introdução, tradução e notas de *Alexandre Pires Vieira*. – São Paulo, SP : Montecristo Editora, 2018.

Título original: De Clementia ad Neronem Caesarem
ISBN: 978-1-61965-130-2

1. Conduta de vida. 2. estoicos. 3. estoicismo. 4. Ética 5. Clemência 6. Perdão

CDD-188

Introdução – Nota do tradutor

Da Clemência

***De Clementia*, Da Clemência**, também traduzido como **Tratado sobre a Clemência**, é um ensaio de originalmente três volumes dos quais apenas o primeiro e parte do segundo sobreviveram. Foi escrito em 55-56 dC por Sêneca, dedicado ao imperador Nero no seu primeiro (ou segundo) ano de reinado.

No *De Clementia* Sêneca desenvolve suas reflexões sobre o poder do estado e sobre a diferença entre o tirano e o bom rei. Traça a imagem de um governante que reina, como representante dos deuses. Explica que o poder absoluto pode ser legitimado e justificado pela prática da clemência, mantendo assim a ordem e organizando um consenso entre os homens. Ao ser clemente, ao ser virtuoso, o imperador se torna útil ao bem público, se porta segundo à Natureza, se conforma ao Lógos, à Fortuna.

Na obra vemos como a clemência deve ser exercitada principalmente por aqueles que podem socialmente exercer poder sobre outros: príncipes, professores, militares, pais, considerando que o dano causado por um erro de julgamento por estes, quando afetados por alguma paixão, será profundamente danoso para quem recebe a punição e para quem a ordena. Para o príncipe, a prática da clemência, além de evitar a formação de oposições, de legitimar seu poder e de lhe garantir direito de sucessão, fornece estabilidade e segurança no poder. Enquanto o tirano, o mau imperador é perseguido e vive sem tranquilidade, o rei-filosofo, o bom e clemente imperador vive em paz, pois conta com o amor e não com o temor dos súditos:

“... ser poderoso apenas para o mal é o poder de uma pestilência. A grandeza do homem repousa sobre um alicerce seguro, a quem todos os homens sabem estar tanto do lado deles quanto acima deles, de cujo cuidado vigilante pela segurança de cada um e de todos eles recebem provas diárias, aquele cuja presença não os faz fugirem

aterrorizados, como se algum animal perigoso e malévolo tivesse surgido de seu covil, mas os reunissem para ele como fariam com o brilho do sol. Eles estão perfeitamente prontos para atirar-se nas espadas dos conspiradores em sua defesa, para oferecer seus corpos se seu único caminho para a segurança deva ser formado por cadáveres: eles protegem seu sono em vigílias noturnas, eles o cercam e o defendem de todos os lados, e expõem-se aos perigos que o ameaçam.”(I,III,3)

“Clemência, portanto, como eu disse antes, naturalmente se adapta a toda a humanidade, mas mais especialmente aos governantes, porque no caso deles há mais para se salvar, e isso é exibido em uma escala maior. Crueldade em um homem privado pode causar muito pouco dano; mas a ferocidade dos príncipes é guerra.” (I,V,2)

O contraste instrucional entre o bom governante e o tirano é feito inicialmente de forma teórica, passando então para exemplos de governantes tiranos, como Sulla e Calígula servindo de advertência e Augusto como exemplo a ser seguido. Uma ilustração extensa da clemência de Augusto com o rebelde Cinna ao lado de um exemplo da própria vida de Nero pretende encorajar o aspirante a imperador a também mostrar clemência. (Livro I, capítulos IX-XVI). Sêneca afirma também que excesso de punição é ruim para a moral da nação:

1. Uma proposta foi feita uma vez no Senado para distinguir escravos de homens livres por suas roupas: foi então descoberto quão perigoso seria se nossos escravos pudessem contar seus números. Esteja certo de que a mesma coisa seria o caso se nenhuma ofensa fosse perdoada: descobrir-se-á rapidamente até que ponto o número de homens maus excede o dos bons. (I, XXIV, 1)

No Livro II Sêneca relembra a Nero um episódio em que este havia demonstrado clemência e o com isso atingido seus objetivos e demonstrado clareza de raciocínio e bondade. Na sequência explana que a Clemência se trata de uma virtude que requer equilíbrio na sua aplicação: não é oportuno ter uma clemência promíscua e banal, nem uma clemência inacessível, pois tanto é cruel perdoar a todos quanto a ninguém.

São quatro as definições da *clementia* senequiana: (II,III,2-3)

“Clemência é a moderação de espírito humano no desempenho do poder de castigar”;

“A brandura do superior em face do inferior, quando da aplicação da pena”;

“inclinação da mente para o abrandamento no ato de impor um castigo”;

“ ... a clemência é a moderação que retira alguma coisa de uma punição merecida e devida”.

Sêneca considera a misericórdia um vício, e a define como sendo a corrupção da virtude da clemência:

Agora, cabe investigar o que é misericórdia. Muitos que a exaltam como virtude e denominam a pessoa boa de misericordiosa. Ora, esta é um vício de alma. Ficou estabelecido, acima, o que deve ser conceituado acerca da severidade e da clemência. Sob a máscara de severidade podemos decair na crueldade enquanto sob a aparência de clemência cair para a misericórdia. (II,IV,4)

O perdão é a remissão de uma punição merecida; Um homem concede perdão a aquele a quem ele deveria punir: agora o homem sábio não faz nada que não deva fazer, e não omite nada que deva fazer: ele não remete, portanto, nenhuma punição que deva proferir. (II,VII,1-2)

Portanto, a clemência estaria mais próxima de uma correção da lei cuja universalidade a faz falha. Seria uma espécie de justiça exercida por uma instância superior, de caráter humanitário, que ao soberano permite sobrepor-se às leis escritas pelos homens.

Esta obra influenciou pensadores importantes da Idade Média e do Renascimento. Um exemplo é o reformador **João Calvino**. Pouco depois de terminar seus estudos de direito, o jovem João Calvino escreveu seu primeiro livro, um comentário sobre *De Clementia* que consiste principalmente de notas filológicas intercaladas com impressões sobre o estilo e as idéias de Seneca. Em sua obra *Institutas da Religião Cristã*, Calvino aborda o papel das autoridades civis na punição e a importância retomando conceitos da obra.

Infelizmente o ensaio nos chegou incompleto, de acordo com o texto tradicional, o texto deve ter sido escrito em três livros. Das três partes, os manuscritos oferecem somente o livro I e os sete primeiros capítulos do livro II. O livro III está totalmente perdido. Aliás, não se sabe, com toda a certeza, se parte da obra se perdeu ou se Sêneca jamais a concluiu. Do livro I, temos o texto completo e, o tema. Do livro II, o sumário anuncia que tratará da natureza da clemência e dos sinais que a diferenciam dos vícios. Mesmo inacabado, o assunto e o sumário conferem. O livro III, ainda segundo o sumário, tratará de ensinar, através de conselhos práticos, como se pode levar o espírito humano para o exercício da clemência. Deste livro nada restou.

A obra resume o conceito de poder segundo a filosofia estoica: a autoridade aristocrática que domina o povo, retendo suas tendências anárquicas, contribuindo para a ordem e desenvolvimento, provém de sua própria grandeza e poder, que, por sua vez, pertencem aos deuses os quais o soberano representa.

Sobre a tradução

A tradução para o português foi baseada em versões em inglês, principalmente no trabalho de Aubrey Stewart (Bohn's Classical Library Edition). A leitura das seguintes obras foi fundamental para a conclusão deste trabalho: 1. “*Moral Letters to Lucilius by Seneca*” por Richard Mott Gummere¹; 2. *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome* por Brad Inwood²; 3. *A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy*³ por William Braxton Irvine; 4. *Seneca - Selected Letters* por Elaine Fantham⁴; 5. *Uma Análise da Obra De Clementia de Sêneca*, por Ana Teresa Marques Gonçalves;

Poucas observações sobre a tradução são necessárias. No latim, o uso da segunda pessoa é natural para expressar a relação de proximidade e familiaridade. Nas traduções referidas anteriormente os editores decidiram também usar a segunda pessoa. Contudo, no português atual, principalmente no Brasil, o uso da terceira pessoa me parece mais adequado à intenção de Sêneca, que ensinava filosofia a um amigo, como consequência toda a tradução foi feita em terceira pessoa. O ensaio termina de forma bastante abrupta e no original é seguido pelo manuscrito de *De Otio*, que está faltando seu começo.

O termo “*fortuna/fortunae*”, para o autor latino, se assemelha à nossa “sorte” ou “destino”, mas era também uma divindade: o nome comum e o nome próprio são dificilmente distinguíveis nas cartas, portanto, decidi usar sempre “fortuna”.

Que este livro o sirva como amigo, professor e companheiro.

Espero que gostem tanto quanto eu,

Alexandre Pires Vieira

Viena, Setembro de 2018

Sobre o autor

Lúcio Aneu Sêneca, em latim: *Lucius Annaeus Seneca*, é conhecido também como Sêneca, o jovem ou o filósofo. Nasceu em Córdoba, aproximadamente em 4 a.C. Era de família abastada, que se transferiu para Roma quando ele ainda era criança. Muito jovem, Sêneca estudou com o estoico Átalo e com os neopitagóricos Sótion de Alexandria e Papírio Fabiano, discípulos do filósofo romano Quinto Séxtio.

Provavelmente por motivos de saúde, Sêneca mudou-se, por volta de 20 d.C., para Alexandria, no Egito, de onde retornou a Roma em 31. Aos quarenta anos iniciou carreira como orador e político, tendo rapidamente sido eleito para o senado. Em Roma, estabeleceu vínculos com as irmãs do imperador Calígula: Livila, Drusila e Agripina Menor, mãe do futuro imperador Nero. Sendo figura destacada no senado e no ambiente palaciano, foi envolvido numa conjuração contra Calígula.

Sêneca diz que se livrou da condenação à morte por sofrer de uma doença pulmonar (provavelmente asma). Assim, por intercessão de aliados, Calígula foi convencido que ele estaria condenado a uma morte natural iminente.

Com o assassinato de Calígula em 41, Sêneca tornou-se alvo de Messalina, esposa do imperador Cláudio, num confronto entre esta e as irmãs de Calígula. Acusado de manter relações adúlteras com Livila, foi condenado à morte pelo Senado. Por intervenção do próprio imperador, a pena foi comutada em exílio na ilha de Córsega. O exílio durou oito anos, período em que o filósofo se dedicou aos estudos e à composição de inúmeras obras.

Em 49 d.C. Agripina, então a nova esposa do imperador Cláudio, possibilitou o retorno de Sêneca e o instituiu como preceptor de seu filho Nero, então com doze anos. Após a morte de Cláudio em 54, Nero foi nomeado seu sucessor e Sêneca tornou-se o principal conselheiro do jovem

imperador. No entanto, o conflito de interesses envolvendo, de um lado, Agripina e seus aliados e de outro, conselheiros de Nero, os quais, por sua vez, se opunham a Sêneca, levou a uma crise que resultou na morte de Agripina e no gradual enfraquecimento político de Sêneca.

Em 62, Sêneca solicitou a Nero para se afastar totalmente das funções públicas, contudo o pedido foi negado. De toda forma, alegando saúde precária, Sêneca passou a se dedicar ao ócio, ou seja, à leitura e à escrita. Sua relação com Nero deteriorou-se principalmente pelo prestígio do filósofo no meio político e intelectual, onde era visto como um possível governante ideal. No início de 65, foi envolvido em uma conjuração para derrubar o imperador e foi condenado à morte por suicídio, morreu em 19 de abril.

Sêneca foi simultaneamente dramaturgo de sucesso, uma das pessoas mais ricas de Roma, estadista famoso e conselheiro do imperador. Sêneca teve que negociar, persuadir e planejar seu caminho pela vida. Ao invés de filosofar da segurança da cátedra de uma universidade, ele teve que lidar constantemente com pessoas não cooperativas e poderosas e enfrentar o desastre, o exílio, a saúde frágil e a condenação à morte. Sêneca correu riscos e teve grandes feitos.

Obras filosóficas de Sêneca:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)

- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

Além de filosofia, Sêneca escreveu também Tragédias e peças de teatro, bastante populares em sua época:

- Hércules furioso (*Hercules furens*)
- As Troianas (*Troades*)
- As Fenícias (*Phoenissae*)
- Medeia (*Medea*)
- Fedra (*Phaedra*)
- Édipo (*Oedipus*)
- Agamemnon
- Tiestes (*Thyestes*)
- Hércules no Eta (*Hercules Oetaeus*)

NOTAS:

[1 Moral Letters to Lucilius](#)

[2 Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome](#)

[3 A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy](#)

[4 Seneca - Selected Letters](#)

Da Clemência

Livro I

I

1. Eu decidi escrever um livro sobre clemência, Nero César, a fim de que sirva de espelho para você e permita-lhe se ver chegando ao maior de todos os prazeres. Pois, embora o verdadeiro desfrute das boas ações consista no desempenho delas, e as virtudes não tenham uma recompensa adequada além delas, ainda assim vale a pena considerar e apurar uma boa consciência por todos os pontos de vista, e depois lançar seus olhos sobre essa enorme multidão humana. briguenta, facciosa e apaixonada como é; provavelmente, se eles pudessem se livrar do controle do seu governo, para ter prazer tanto na ruína de si mesmos e um do outro. e, assim, para se comungar com você:

2. "Eu de toda a humanidade fui escolhido e considerado apto para realizar o ofício? Eu sou o árbitro da vida e da morte para a humanidade: cabe a mim decidir a sorte e posição que cada homem possui na vida: a Fortuna faz uso de minha boca para anunciar o que ela concede a cada homem: cidades e as nações se emocionam com minhas palavras: nenhuma região pode prosperar sem meu favor e boa vontade: todas essas milhares de espadas agora restringidas pela minha autoridade seriam sacadas por um sinal meu: cabe a mim decidir quais tribos serão totalmente exterminadas, quais serão transferidas para outras terras, quais receberão e quais serão privadas de liberdade, quais reis serão reduzidos à escravidão e cujas cabeças serão coroadas, que cidades serão destruídas e quais novas serão fundadas.

3. Nesta posição de enorme poder, não sou tentado a castigar injustamente os homens pela ira, pelo impulso juvenil, pela imprudência e insolência dos homens, que muitas vezes supera a paciência até mesmo das mentes mais bem reguladas, nem mesmo essa terrível vaidade tão comum entre os grandes soberanos, de exhibir meu poder inspirando terror. Minha espada está embainhada, ou melhor, fixada em sua bainha: eu estou poupando o sangue até mesmo dos mais baixos de meus súditos: um homem que não

tem nada a recomendá-lo, todavia, achará favor em meus olhos porque ele é um homem.

4. Mantenho a aspereza oculta, mas tenho clemência sempre à mão: observo-me com cuidado, como se tivesse de dar conta de minhas ações àquelas leis que tirei das trevas e negligenciei a luz do dia. Fui movido à compaixão pela juventude de um culpado e pela idade avançada de outro: eu poupei um homem por causa de sua grande posição, outro por causa de sua insignificância: quando não encontrei razão para mostrar misericórdia, tive misericórdia de mim mesmo. Estou preparado neste dia, caso os deuses o exijam, a prestar-lhes um relato da raça humana.

5. "Você, César, pode dizer corajosamente que tudo o que lhe foi confiado foi mantido em segurança e que o Estado não sofreu nem abertamente ou secretamente qualquer perda em suas mãos. Você cobiçou uma glória que é mais rara, e que não foi obtida por nenhum imperador antes de você, que é a da inocência. Sua bondade notável não é jogada fora, nem é ingrata ou maldosamente desvalorizada. Os homens sentem gratidão por você: ninguém nunca foi tão querido para o outro como você é para o povo de Roma, cujo grande e duradouro benefício é você.

6. Você, no entanto, assumiu um grande fardo: ninguém mais fala dos bons tempos do falecido Imperador Augusto, ou dos primeiros anos do reinado de Tibério, ou propõe para sua imitação qualquer modelo a não ser você: o seu é um padrão de reinado. Isso teria sido difícil se sua bondade de coração não fosse inata, mas apenas fingida por um tempo; pois ninguém pode usar uma máscara por muito tempo, e qualidades fictícias logo dão lugar às verdadeiras. Aquelas que são fundadas na verdade, e que, por assim dizer, crescem a partir de uma base sólida, se tornam maiores e melhores à medida que o tempo passa.

7. O povo romano estava em um estado de grande perigo, desde que era incerto como sua disposição generosa¹ se revelaria; agora, no entanto, as orações da comunidade têm certeza de uma resposta, pois não há medo de que você de repente se esqueça de seu próprio caráter. De fato, o excesso de felicidade torna os homens gananciosos, e nossos desejos nunca são tão moderados a ponto de serem limitados pelo que obtiveram: grandes sucessos se tornam os degraus para maiores, e aqueles que obtiveram mais

do que esperavam, entretêm ainda mais esperanças extravagantes do que antes; todavia, por todos os seus compatriotas, ouvimos que eles admitem que agora estão felizes e, além disso, que nada pode ser acrescentado às bênçãos de que desfrutam, exceto que devem ser eternas.

8. Muitas circunstâncias forçam essa admissão por eles, embora seja aquela que os homens estão menos dispostos a fazer: nós gozamos de uma paz profunda e próspera, o poder da lei foi abertamente afirmado à vista de todos os homens e elevado além do alcance de qualquer interferência violenta: a forma de nosso governo é tão feliz, a ponto de conter todos os elementos essenciais da liberdade, exceto o poder de se destruir. Não obstante, é sua clemência que é mais admirada pelos altos e baixos: todo homem desfruta ou espera desfrutar das outras bênçãos de seu governo de acordo com a medida de sua boa sorte pessoal, ao passo que de sua clemência todos esperam igualmente: não há pessoa que tenha tanta confiança em sua própria inocência, que não se sinta feliz por, em sua presença, existir uma clemência pronta a tolerar os erros humanos.

II

1. Eu sei, no entanto, que há alguns que imaginam que a clemência apenas salva a vida de todo vilão, porque a clemência é inútil, exceto após a condenação, e de todas as virtudes, é a única que não tem nenhuma função entre os inocentes. Mas, em primeiro lugar, embora um médico só seja útil para os doentes, ele também é honrado entre os saudáveis; e assim clemência, embora seja invocada por aqueles que merecem punição, é respeitada por pessoas inocentes também. Logo, ela pode existir também na pessoa do inocente, porque às vezes o infortúnio toma o lugar do crime; de fato, a clemência não apenas socorre os inocentes, mas frequentemente os virtuosos, já que no decorrer do tempo acontece que homens sejam punidos por ações que merecem louvor. Além disso, há uma grande parte da humanidade que pode retornar à virtude se a esperança de perdão não lhes fosse negada.

2. No entanto, não é correto perdoar indiscriminadamente; porque **quando nenhuma distinção é feita entre bons e maus homens, a desordem segue, e todos os vícios se manifestam**; devemos, portanto, ter o cuidado de distinguir os personagens que admitem a reforma daqueles que são irremediavelmente depravados. Tampouco devemos mostrar uma clemência indiscriminada e geral, nem ainda uma exclusiva; perdoar a todos é uma crueldade tão grande que não perdoa ninguém; devemos seguir um curso intermediário; mas, como é difícil encontrar o verdadeiro meio, tenhamos cuidado, se nos afastarmos deles, o fazemos ao lado da humanidade.

III

1. Mas esses assuntos serão tratados melhor em seu próprio lugar. Agora vou dividir todo esse assunto em três partes. O primeiro será de gentileza de temperamento; o segundo será o que explica a natureza e a disposição da clemência; pois desde que há certos vícios que têm a aparência de virtude, eles não podem ser distinguidos a menos que você imprima em cima deles as marcas que os separam um do outro; em terceiro lugar nós investigaremos como a mente pode ser levada a praticar esta virtude, como pode fortalecê-la e, por hábito, torná-la própria.

2. Que a clemência, que é a mais humana das virtudes, é a que melhor convém a um homem, é necessariamente um axioma, não apenas entre nossa própria escola², que considera o homem como um animal social, nascido para o bem de toda a comunidade, mas mesmo entre aqueles filósofos que o entregam inteiramente ao prazer³, e cujas palavras e ações não têm outro objetivo além de sua própria vantagem pessoal. Se o homem, como argumentam, procura silêncio e repouso, que virtude há mais agradável à sua natureza do que clemência, que ama a paz e o restringe da violência?

3. Agora clemência não torna ninguém mais que um rei ou um príncipe; pois o grande poder é glorioso e admirável somente quando é benéfico; já que ser poderoso apenas para o mal é o poder de uma pestilência. A grandeza do homem repousa sobre um alicerce seguro, a quem todos os homens sabem estar tanto do lado deles quanto acima deles, de cujo cuidado vigilante pela segurança de cada um e de todos eles recebem provas diárias, aquele cuja presença não os faz fugirem aterrorizados, como se algum animal perigoso e malévolo tivesse surgido de seu covil, mas os reunissem para ele como fariam com o brilho do sol. Eles estão perfeitamente prontos para atirar-se nas espadas dos conspiradores em sua defesa, para oferecer seus corpos se seu único caminho para a segurança deva ser formado por cadáveres: eles protegem seu sono em vigílias

noturnas, eles o cercam e o defendem de todos os lados, e expõem-se aos perigos que o ameaçam.

4. Não é sem uma boa razão que nações e cidades concordam em sacrificar suas vidas e propriedades para a defesa e o amor de seu rei sempre que a segurança de seu líder o exigir; os homens não se consideram dispensáveis, nem são insanos quando tantos milhares são mortos à espada por causa de um homem, e quando, por tantas mortes, eles salvam a vida de um só homem, que não raro é velho e fraco.

5 .Assim como o corpo inteiro é comandado pela mente, e embora o corpo seja muito maior e mais belo enquanto a mente é impalpável e oculta, e não estamos certos de onde ela está oculta, ainda assim as mãos, pés e olhos trabalhe para ela, a pele a protege; a seu pedido, ficamos imóveis ou nos movemos inquietos; quando dá a palavra, se for um mestre avaro, vasculharemos o mar em busca de lucro, ou, se for ambiciosa, logo colocaremos nossa mão direita nas chamas, como Múcio⁴, ou saltaremos para o abismo como Curtio⁵. Uma enorme multidão que circunda um homem é dirigida por sua vontade, é guiada por seu intelecto e se quebraria e se lançaria à ruína por sua própria força, se não fosse sustentada por sua sabedoria.

IV

1. Os homens, portanto, amam sua própria segurança, quando elaboram vastas legiões em batalha em nome de um homem, quando correm para a frente e expõem seus peitos a feridas, por medo de que as bandeiras de seu líder sejam repelidas. Ele é o vínculo que une a comunidade, ele é o sopro de vida para todos aqueles milhares que, por si mesmos, se tornariam apenas um estorvo e uma fonte de pilhagem se essa mente dirigente fosse retirada:

Vivendo o rei, o pensamento de todos é uno; morto, rompem-se os pactos⁶.

*Rege incolumi mens omnibus una;
amisso rupere fidem.*

2. Tal infortúnio será o fim da paz de Roma, destruirá a prosperidade deste grande povo; a nação estará livre deste perigo, desde que você saiba como suportar as rédeas: se alguma vez as quebrar, ou se recusar a substituí-las se caírem por acidente, então este todo poderoso, este tecido complexo de governo voará em vários fragmentos, e o último dia do império de Roma será aquele sobre o qual se esquece como obedecer.

3. Por essa razão, não é de admirar que os príncipes, os reis e todos os outros protetores de um estado, quaisquer que sejam seus títulos, sejam amados além do círculo de seus parentes imediatos; já que os homens que pensam corretamente preferem os interesses do Estado aos seus, segue-se que aquele que carrega o fardo dos assuntos do Estado deve ser mais caro para eles do que seus próprios amigos. De fato, há muito tempo o imperador se identificava tão completamente com o estado que nenhum deles poderia ser separado sem ferir ambos, porque um requer poder, enquanto o outro requer uma cabeça.

V

1. Meu argumento parece ter se afastado um pouco do assunto, mas, por Hércules, é realmente muito direto ao ponto. Pois se, como podemos inferir do que foi dito, você, ó Cesar, é a alma do estado, e o estado é o seu corpo, você perceberá, imagino, quão necessária é a clemência; porque quando você parece poupar outro, você está realmente poupando a si mesmo. Você deve, portanto, poupar até mesmo cidadãos condenáveis, assim como poupa os membros fracos; e quando a coleta de sangue se torna necessária, você deve segurar sua mão, para não cortar mais do que precisa.

2. Clemência, portanto, como eu disse antes, naturalmente se adapta a toda a humanidade, mas mais especialmente aos governantes, porque no caso deles há mais para se salvar, e isso é exibido em uma escala maior. Crueldade em um homem privado pode causar muito pouco dano; mas a ferocidade dos príncipes é guerra.

3. Embora exista uma harmonia entre todas as virtudes, e nenhuma é melhor ou mais honrosa do que outra, ainda assim algumas virtudes se adequam a algumas pessoas melhor do que outras. A magnanimidade é digna de todos os homens mortais, mesmo os mais humildes de todos; pois o que pode ser maior ou mais valente do que resistir à má sorte? No entanto, essa virtude da magnanimidade ocupa um espaço mais amplo em termos de prosperidade e mostra maior vantagem no tribunal do que no chão da corte. Por outro lado, a clemência torna cada casa em que é admitida feliz e pacífica; mas, embora seja mais rara, é por essa razão ainda mais admirável em um palácio.

4. O que pode ser mais notável do que aquele cuja ira poderia ser tolerada sem medo das consequências, cuja decisão, mesmo que severa, seria aprovada até mesmo por aqueles que sofreriam com ela, a quem ninguém pode interromper, e de quem na verdade, se ele se tornar violentamente enfurecido, ninguém ousaria implorar por misericórdia, deveria aplicar um teste a si mesmo e usar seu poder em um espírito melhor e mais calmo,

refletindo: "Qualquer pessoa pode infringir a lei para matar um homem, eu posso quebrá-la para salvar um homem?"

5. Uma grande posição requer uma grande mente, pois a menos que a mente se levante e até mesmo acima do nível de sua posição, ela degradará sua posição e a atrairá para a terra; agora é a característica de uma grande mente ser calma e tranquila e desprezar ultrajes e insultos com desprezo. É uma coisa de mulher se enfurecer com paixão; é o papel de feras selvagens, e também aquela que não é dos mais nobres, para morder e preocupar-se com os caídos. Elefantes e leões passam ao largo daqueles que derrubaram; obstinação é a qualidade dos animais ignóbeis.

6. Raiva feroz e implacável não convém a um rei, porque ele não preserva sua superioridade sobre o homem a cujo nível ele desce se entregando à ira; mas se ele concede suas vidas e honrarias àqueles que estão em perigo e que merecem perdê-las, ele faz o que só pode ser feito por um governante absoluto; pois a vida pode ser arrancada mesmo daqueles que estão acima de nós em posição, mas nunca podem ser concedidos a quem está abaixo de nós.

7. Salvar a vida dos homens é o privilégio do posto mais alto, que nunca merece admiração tanto quanto quando é capaz de agir como os deuses, por cuja bondade tanto os homens bons quanto os maus são trazidos ao mundo. Assim, um príncipe, imitando a mente de um deus, deve olhar com prazer para alguns de seus conterrâneos, porque eles são homens úteis e bons, enquanto ele deve permitir que outros permaneçam para preencher as vagas; ele deveria estar satisfeito com a existência dos primeiros e suportar os segundos.

VI

1. Olhe para esta cidade de Roma, na qual as ruas mais largas ficam sufocadas sempre que algo detém as multidões que incessantemente passam por elas como torrentes violentas, nas quais pessoas que correm para três teatros exigem as estradas ao mesmo tempo, em que todo produto do mundo é consumido, e reflita o que desperdício desolado seria se apenas fossem deixadas aquelas que um juiz rigoroso absolvesse.

2. Quão poucos magistrados existem que não devam ser condenados pelas mesmas leis que administram? Quão poucos promotores são sem defeito? Eu imagino, também, que poucos homens estão menos dispostos a conceder perdão do que aqueles que muitas vezes tiveram que implorar por si próprios.

3. Todos nós pecamos, alguns mais profundamente do que outros, alguns de propósito determinado, alguns por impulso casual ou levados pela iniquidade dos outros; alguns de nós não nos mantivemos bravamente em nossas boas resoluções e perdermos nossa inocência, embora a contragosto e após uma luta; nem pecamos apenas, mas até o fim de nossas vidas continuaremos a pecar.

4. Mesmo que haja alguém que tenha limpado tão completamente sua mente, que nada pode de agora em diante desorganizá-lo ou enganá-lo, mesmo assim ele alcançou esse estado de inocência através do pecado.

VII

1. Desde que eu fiz menção dos deuses, eu declararei o melhor modelo em qual um príncipe pode moldar a vida, que lide com os compatriotas como ele gostaria que os deuses pudessem lidar com ele mesmo. Seria então desejável que os deuses não mostrassem misericórdia por pecados e erros, e que nos perseguissem duramente até nossa ruína? Nesse caso, que rei estará seguro?

2. Cujos membros não serão dilacerados e recolhidos pelos profetas? Se, por outro lado, os deuses são plausíveis e bondosos, e não vingam imediatamente os crimes dos poderosos com raios, não é muito mais justo que um homem estabelecido em autoridade sobre outros homens exerça seu poder em tal espírito de clemência e deva considerar se a condição do mundo é mais bela e agradável aos olhos em um belo dia calmo, ou quando tudo é sacudido com frequentes trovões e relâmpagos por todos os lados! No entanto, a aparência de um reinado pacífico e constitucional é a mesma do céu calmo e brilhante.

3. Um reinado cruel é desordenado e escondido nas trevas, e enquanto todos tremem de terror diante das súbitas explosões, nem mesmo aquele que causou toda essa perturbação escapa ileso. É mais fácil encontrar desculpas para os homens privados que reclamam obstinadamente seus direitos; possivelmente eles podem ter sido feridos, e sua raiva pode brotar de seus erros; além disso, temem serem desprezados, e não devolver os ferimentos que receberam parece mais uma fraqueza do que clemência; mas aquele que pode facilmente se vingar, se negligenciar fazê-lo, certamente ganhará elogios por bondade de coração.

4. Aqueles que nascem em uma posição humilde podem, com maior liberdade, exercer a violência, ir as cortes, envolver-se em brigas e satisfazer suas iradas paixões; até os golpes contam pouco entre dois iguais; mas, no caso de um rei, até mesmo clamor alto e conversa desmedida são impróprios.

VIII

1. Você acha que é um assunto sério tirar dos reis o direito de liberdade de expressão que os mais humildes desfrutam. "Isso", você diz, "é ser um vassalo, não um rei". O que, você não acha que nós temos o comando, você a sujeição? Sua posição é bem diferente daquela dos que se escondem na multidão que nunca abandonam, cujas virtudes não podem ser manifestadas sem uma longa luta, e cujos vícios estão envoltos em obscuridade; O rumor alcança seus atos e ditos e, portanto, nenhuma pessoa deve ser mais cuidadosa com sua reputação do que aquelas que têm certeza de ter uma grande, ainda mais uma bem merecida.

2. Quantas coisas você não pode fazer que, graças a você, nós podemos fazer! Eu sou capaz de andar sozinho sem medo em qualquer parte de Roma, qualquer que seja, embora nenhum acompanhante me acompanhe, embora não haja nenhum guarda em minha casa, nenhuma espada ao meu lado. Você deve viver armado na paz que você mantém. Você não pode se desviar da sua posição; lhe assedia e lhe segue com grande pompa onde quer que vá. Essa escravidão de não poder diminuir de posto pertence à posição mais alta de todas; ainda é um fardo que você compartilha com os deuses. Eles também são retidos no céu, e não é mais possível que eles desçam do que é seguro para você; você está acorrentado ao seu sublime pináculo.

3. Dos nossos movimentos, poucas pessoas estão conscientes; podemos sair e voltar para casa e mudar nossa roupa sem que ela seja publicamente conhecida; mas você não é mais capaz de se esconder do que o sol. Uma luz forte está ao seu redor, os olhos de todos estão voltados para ela. Você acha que está saindo da sua casa? Não, você está amanhecendo no mundo.

4. Você não pode falar sem todas as nações em todos os lugares ouvir sua voz; você não pode ficar com raiva, sem fazer tudo tremer, porque você não pode bater em ninguém sem tremer todo redor dele.

5. Assim como os raios, quando caem, põem em perigo poucos homens, mas aterrorizam a todos, de modo que o castigo infligido por grandes potentados aterroriza mais amplamente do que eles prejudicam, e isso por boas razões; porque, no caso de alguém cujo poder é absoluto, os homens não pensam no que ele fez, tanto quanto no que ele pode fazer.

6. Adicione a isto que os homens privados suportam os erros de maneira mais suave, porque eles já suportaram outros; a segurança dos reis, por outro lado, é mais certamente fundada na bondade, porque a punição frequente pode esmagar o ódio de alguns, mas excita o de todos.

7. Um rei deve desejar perdoar enquanto ainda tem motivos para ser severo; se ele age de outra maneira, assim como as árvores podadas brotam novamente com inumeráveis ramos, e muitos tipos de plantações são cortadas para que possam crescer mais densamente, assim um rei cruel aumenta o número de seus inimigos ao destruí-los; pois os pais e filhos daqueles que são mortos, e seus parentes e amigos, entram no lugar de cada vítima.

IX

1. Desejo provar a verdade disso por um exemplo tirado de sua própria família. O falecido imperador Augusto era um príncipe moderado, se ao estimar seu caráter, deve-se considera a era de seu reinado; no entanto, ele apelou para as armas enquanto o estado era compartilhado entre o triunvirato. Quando ele tinha apenas a sua idade, no final do seu vigésimo segundo ano, ele já havia escondido punhais sob as roupas de seus amigos, ele já havia conspirado para assassinar Marco Antônio, o cônsul, ele já havia tomado parte na proscricão.

2. Mas quando ele passou seu quadragésimo⁷ ano, e ficou na Gália, informação foi trazida a ele que Lucius Cinna, um homem pouco inteligente, estava conspirando contra ele: a trama foi traída por um dos conspiradores, que lhe disse onde, quando e de que maneira Cinna queria atacá-lo. Augusto determinou que consultasse sua própria segurança contra esse homem e ordenou que um conselho de seus próprios amigos fosse convocado.

3. Ele passou uma noite perturbada, refletindo que seria obrigado a condenar à morte um jovem de nascimento nobre, que não era culpado de nenhum crime exceto este, e que era neto de Cneu Pompeu. Ele, que se sentou ao jantar e ouviu o Marco Antônio⁸ ler em voz alta o seu decreto para a o banimento, não podia agora suportar pôr um único homem à morte.

4. Com murmúrios ele mantinha-se em intervalos fazendo várias exclamações inconsistentes: "O quê? Permitirei que meu assassino ande à vontade enquanto estou atormentado por medos? Será que o homem não será castigado, que conspirou não apenas para matar, mas para sacrificar no altar "(pois os conspiradores pretendiam atacá-lo quando ele estava ao altar)," agora quando há paz por terra e mar, aquela vida que tantas guerras civis buscou em vão, que passou ileso por tantas batalhas de frotas e exércitos? "

5. Então, depois de um intervalo de silêncio, ele dizia para si mesmo num tom muito mais alto e furioso do que o que ele costumava dizer a Cinna: "Por que você vive, se é para a vantagem de tantos homens que você deva morrer? Não há fim para estas execuções? Para este derramamento de sangue? Eu sou uma figura criada para jovens nobres mirarem suas espadas? A vida vale a pena, se tantos devem perecer para evitar que eu a perca?"

6. Por fim, sua esposa Lívia o interrompeu, dizendo: "Você aceitará o conselho de uma mulher? Faça como os médicos, que, quando remédios habituais fracassam, tentam seus opostos. Até agora você nada obteve por medidas severas: Salvidienus foi seguido por Lépido, Lépido de Muraena, Muraena de Caepio e Caepio de Egnatius, para não falar de outros de quem se sente envergonhado por se atreverem a tentar uma ação tão grande. Agora tente o efeito que a clemência terá: perdoe Lucius Cinna.

7. Ele foi detectado, não pode fazer nenhum mal a você, e ele pode fazer muito bem a sua reputação". Encantado em encontrar alguém para sustentar sua própria opinião sobre o caso, agradeceu à esposa, imediatamente ordenou que seus amigos, cujos conselhos ele pedira, soubessem que ele não precisava seus conselhos, e convocou Cinna sozinho. Depois de ordenar que um segundo assento fosse colocado para Cinna, ele mandou todos os outros saírem da sala e disse: "O primeiro pedido que tenho a fazer a você é que você não me interrompa enquanto eu estiver falando: que você não grite no meio do meu discurso a você: você terá tempo para falar livremente em resposta a mim.

8. Cinna, quando lhe encontrei no acampamento do inimigo, você que não tinha se tornado, mas na verdade nasceu meu inimigo eu salvei sua vida e lhe restituí a você toda a propriedade de seu pai. Você agora é tão próspero e tão rico que muitos da parte vitoriosa invejam você, o derrotado: quando você foi candidato ao sacerdócio que eu passei muitos outros cujos pais serviram comigo nas guerras, e o dei a você: e agora, depois de eu ter merecido tão bem de você, você decidiu matar-me". Quando com esta palavra o homem exclamou que estava longe de ser tão insano, Augusto respondeu: "Você não cumpre a sua promessa, Cinna; foi acordado entre

nós que você não deveria me interromper. Eu repito, você está se preparando para matar mim."

9. Ele então começou a contar-lhe o local, os nomes de seus cúmplices, o dia, a maneira em que haviam organizado a ação e qual deles daria a facada fatal. Quando ele viu os olhos de Cinna fixos no chão, e que ele estava em silêncio, não mais por causa do acordo, mas pela consciência de sua culpa, ele disse:

10. "Qual é a sua intenção em fazer isso? É para que você mesmo possa ser imperador?" O povo romano deve, de fato, estar em um mau caminho se nada além de minha vida impedir seu reinado sobre eles. Você não pode sequer manter a dignidade de sua própria casa: você foi recentemente derrotado em uma disputa legal pela influência superior de um escravo liberto: e assim você não pode encontrar tarefa mais fácil do que chamar seus amigos para se juntarem a você contra César.

11. Venha, agora, se você acha que eu sozinho estou no caminho de sua ambição, será Paulos e Fabius Maximus, o Cossi e o Servilii? e todo aquele bando de nobres, cujos nomes não são pretextos vazios, mas cuja ascendência realmente os torna ilustres. eles vão suportar que você deva governar sobre eles? Para não preencher a maior parte deste livro, repetindo todo o seu discurso. pois é conhecido por ter falado por mais de duas horas, alongando essa punição, que foi a única que ele pretendia infligir. ele disse em último: "Cinna, eu concedo sua vida pela segunda vez: quando eu dei a você antes de você ser um inimigo aberto, você agora é um conspirador e parricida⁹."

12. A partir deste dia, vamos ser amigos: vamos comparar qual de nós é o mais sincero, eu lhe dando sua vida, ou você devendo sua vida a mim. "Depois disto ele, de sua própria concessão, concedeu o consulado a Cinna, reclamando de não ter se aventurado a se oferecer como um candidato ao cargo, e o viu para sempre como seu mais grato e leal partidário. Cinna transformou o imperador em seu único herdeiro, e ninguém jamais formou qualquer conspiração contra ele.

X

1. Seu bisavô poupou os vencidos: pois quem ele poderia reger, se ele não tivesse poupado-os? Ele recrutou Salústio, os Cocceii, os Deillius e todo o círculo íntimo do acampamento de seus oponentes. Logo após, a sua clemência deu-lhe um Domitius, um Messala, um Asinius, e Cícero, e toda a nata do estado. Por um longo tempo ele esperou Lépido morrer: Durante anos, ele lhe permitiu manter todas as insígnias da realeza, e não permitir que o cargo de pontífice ser conferido a si mesmo até depois da morte de Lépido; pois ele queria que fosse chamado pelo honroso cargo, em vez dos despojos tirados de um inimigo vencido.

2. Foi esta a clemência que o fez terminar seus dias em segurança, isso era o que o tornava popular e amado apesar de ter imposto as mãos sobre o pescoço dos romanos quando eles ainda não estavam acostumados ao jugo: isso lhe dá mesmo nos dias de hoje uma reputação como quase nenhum príncipe tem desfrutado durante sua própria vida.

3. "Acreditamos que ele é um deus, e não apenas porque somos obrigados a fazê-lo. Nós declaramos que Augusto foi um bom imperador, e que ele era bem digno de levar o nome de seu pai, por nenhuma outra razão a não ser não ter mostrado crueldade para vingar insultos pessoais, que a maioria dos príncipes sentem mais profundamente do que as lesões reais, porque ele sorriu para tais histórias e piadas contra si mesmo, porque era evidente que ele mesmo sofria quando punia outros, porque ele estava tão longe de colocar à morte, mesmo aqueles a quem tinha sentenciado por intrigas com sua filha, que quando eles foram banidos deu-lhes passaportes para que pudessem viajar com mais segurança.

4. Quando você sabe que haverá muitos que atraíram a briga a si mesmos, e irão tentar ganhar a seu favor pelo assassinato de seus inimigos, você realmente irá perdôá-los se você conceder-lhes não só as suas vidas, mas garantir que eles não a percam.

XI

1. Tal era Augusto, quando homem velho, ou ao envelhecer, em sua juventude ele foi precipitado e apaixonado, e fez muitas coisas sobre as quais ele olhou para trás com pesar. Ninguém vai se aventurar para comparar o reinado do bendito Augusto à suavidade do seu próprio, mesmo se a sua juventude em comparação com a velhice dele, ele foi gentil e aplacável, mas foi depois de ter tingido o mar em Actina com sangue romano; depois de ter destruído tanto a sua própria como a frota do inimigo na Sicília; após o holocausto na Perugia e os banimentos.

2. Mas não chamo de clemência estar cansado de crueldade; verdadeira clemência, César, é o que você exhibe, que não começou a partir de remorso por sua ferocidade passado, em que não há nenhuma mancha, que nunca derramou o sangue dos seus compatriotas, isto, quando combinado com poder ilimitado, mostra o verdadeiro autocontrole e abrangente amor da raça humana dentro de si mesmo, não corrompido por todos os desejos vis, todas as ideias extravagantes, ou qualquer um dos maus exemplos de antigos imperadores para cobiçar, por experiência própria, como é grande a tirania que você está autorizado a exercer sobre seus compatriotas, mas inclinando para embotar a sua espada.

3. Você Majestade, nos concedeu o benefício de manter nosso estado livre de derramamento de sangue, e aquilo de que você se gaba, de que você não causou uma única gota de sangue a fluir em qualquer parte do mundo, é ainda mais magnânimo e maravilhoso porque ninguém teve o poder da espada colocada em mãos em idade tão precoce.

4. Clemência, então, faz príncipes mais seguros, bem como mais respeitados, e é uma glória para seu império além de ser um meio mais confiável de preservação. Por que soberanos legítimos envelhecem no trono, e legam seu poder para seus filhos e netos, enquanto o balanço de usurpadores despóticos é ódio e de curta duração? Qual é a diferença entre o tirano e o rei, pois os seus símbolos externos de autoridade e seus poderes

são os mesmos, a não ser que os tiranos têm prazer em crueldade, enquanto o rei é apenas cruel por boas razões e porque eles não têm outras opções.

XII

1. "O que, então," diz você, "os reis também não matam homens?" Eles o fazem, mas somente quando essa medida é recomendada pela vantagem pública: os tiranos gozam da crueldade. Um tirano difere de um rei em ações, não em título: para o velho Dionísio merece ser preferido antes de muitos reis, e o que pode impedir nomearmos Lucius Sulla um tirano, já que ele só parou de matar porque não tinha mais inimigos para matar?

2. Embora ele tenha abandonado sua ditadura e retomado o traje de cidadão privado, ainda assim, que tirano bebeu sangue humano tão gananciosamente quanto ele, que ordenou que sete mil cidadãos romanos fossem massacrados, e que, ao ouvirem os gritos de tantos milhares sendo executados pela espada quando estava sentado no templo de Bel lona, disse ao Senado aterrorizado: "Vamos cuidar de nossos negócios, caros conscritos, são apenas alguns perturbadores da paz pública que estão sendo executados por minhas ordens". Ao dizer isso, ele não mentiu: eles realmente pareciam poucos para Sulla.

3. Mas falaremos de Sulla agora, quando considerarmos como deveríamos sentir raiva contra nossos inimigos, de qualquer modo, quando nossos próprios compatriotas, membros da mesma comunidade, foram expulsos e assumiram o nome de inimigos: Enquanto isso, como eu estava dizendo, a clemência é o que faz a grande distinção entre reis e tiranos. Embora cada um deles possa ser igualmente cercado por soldados armados, no entanto, um usa suas tropas para salvaguardar a paz de seu reino, o outro usa-os para reprimir um grande ódio por grande terror: e ainda assim ele não parece confiar naqueles a cujas mãos ele se confia.

4. Ele é levado em direções opostas por paixões conflitantes: pois ele é odiado porque é temido, ele deseja ser temido porque é odiado: e ele age de acordo com o espírito daquele verso odioso, que lançou tantos fora de seus tronos -

"O que?, deixe que me odeiem, se eles também me temerem!"

dedit, utitur: Oderint, dum metuant

sem saber quão frenéticos os homens se tornam quando seu ódio se torna excessivo: pois uma quantidade moderada de medo restringe os homens, mas uma apreensão constante e aguda das piores torturas desperta até mesmo os espíritos mais rastejantes em ações de coragem imprudente, fazendo com que hesitem por nada.

5. Assim, um cordão cheio de penas impedirá que os animais selvagens escapem: mas se um cavaleiro começar a atirar neles de outro lado, eles tentarão escapar através mesma coisa que os assustava, e vão atropelar a causa de seus medos com os pés descalços¹⁰. Nenhuma coragem é tão grande quanto aquela que nasce do desespero total. Para manter as pessoas abatidas pelo terror, você deve conceder-lhes certa segurança, e deixá-las ver que têm muito mais a esperar do que temer: caso contrário, se um homem estiver em igual risco, esteja ele parado ou em ação, ele sentirá prazer real em arriscar sua vida e jogará tudo fora, como se não fosse seu.

XIII

1. Um rei calmo e pacífico confia em seus guardas, porque ele faz uso deles para garantir a segurança comum de todos os seus súditos, e seus soldados, que veem que a segurança do estado depende de seus esforços, sofrem alegremente a mais árdua labuta e glória sendo os protetores do pai de seu país: enquanto o tirano duro e assassino precisa ser repellido até por seus próprios janízaros.

2. Nenhum homem pode esperar o serviço voluntário e leal daqueles que ele usa como a pelourinho e o machado, como instrumentos de tortura e morte, a quem ele lança homens como os lançaria em feras. Nenhum prisioneiro na prisão está tão cheio de agonia e ansiedade como um tirano; porque enquanto teme tanto os deuses quanto os homens porque eles testemunharam e irão vingar seus crimes, ele ao mesmo tempo está comprometido com esse curso de ação que não é capaz de alterá-lo. Esta é talvez a pior qualidade da crueldade: um homem deve continuar exercitando-a, e é impossível para ele refazer seus passos e começar em um caminho melhor; crimes devem ser salvaguardados por novos crimes.

3. No entanto, quem pode ser mais infeliz do que aquele que é realmente obrigado a ser um vilão? Quão imensamente ele deve se sentir compadecido: quero dizer, por si mesmo, pois seria ímpio para os outros terem pena de um homem que fez uso de seu poder para matar e destruir, que se tornou desconfiado por todos em casa e no exterior, que teme os próprios soldados a quem ele apela por segurança, que não ousa confiar na lealdade de seus amigos ou no afeto de seus filhos: quem, sempre que considera o que fez, e o que está prestes a fazer, chama a atenção todos os crimes e torturas com que sua consciência é sobrecarregado, deve muitas vezes temer a morte, e ainda assim deve muitas vezes desejar, pois deve ser ainda mais odioso para si mesmo do que ele é para seus súditos.

4. Por outro lado, aquele que se interessa por todo o estado, que cuida de todos os departamentos com mais ou menos cuidado, que atende a todos os

negócios do Estado, bem como se fosse seu, naturalmente inclinado a medidas brandas, e mostra, mesmo quando é vantajoso punir, o quanto ele não está disposto a fazer uso de remédios severos; que não tem sentimentos de raiva ou selvageria, mas exerce sua autoridade calma e benéfica, estando ansioso para que até mesmo seus oficiais subordinados sejam populares com seus compatriotas, que acha completa sua felicidade se puder fazer a nação compartilhar sua prosperidade, que é cortês na linguagem, cuja presença é de fácil acesso, que olha com afinco para seus súditos, que está disposto a conceder todos os seus desejos razoáveis, e não trata seus desejos irracionais com dureza. tal príncipe é amado, protegido e adorado por todo o seu império.

5. Os homens falam de tal coisa em privado, nas mesmas palavras que usariam em público: estão ansiosos para criar famílias sob seu reinado e põem fim à falta de filhos que a miséria pública anteriormente tornara geral: todos sentem que ele de fato merece que seus filhos sejam gratos por tê-los trazido a uma época tão feliz. Tal príncipe é protegido por sua própria beneficência; ele não precisa de guardas, seus exércitos servem apenas como decoração.

XIV

1. Qual é então o seu dever? São os bons pais que às vezes repreendem seus filhos com bom humor, às vezes os ameaçam e às vezes até os açoitam. Nenhum homem em seus sentidos deserdou seu filho por sua primeira transgressão, ele não lhe passa essa sentença extrema a menos que sua paciência tenha sido desgastada por muitos erros graves, a menos que ele temesse que seu filho fizesse algo pior do que aquilo com que ele o pune; antes de fazer isso, faz muitas tentativas para levar a mente do filho para o caminho certo, enquanto ainda hesita entre o bem e o mal e só deu seus primeiros passos na depravação; é somente quando seu caso é desesperado que ele adota essa medida extrema.

2. Ninguém exige que as pessoas sejam executadas até depois de não conseguir reformá-las. Este, que é o dever de um pai, é também o do príncipe que, sem bajulação, chamamos de "O Pai de nosso País". Outros nomes são dados como títulos de honra: temos denominado alguns homens de "O Grande", "O Afortunado", ou "O Augusto" e assim satisfizemos a paixão deles por grandeza conferindo neles toda a dignidade que pudemos: mas quando nós nomeamos um homem "O Pai de seu País" nós damos a entender que nós confiamos a ele com o poder de um pai sobre nós, quem tem o caráter mais brando de um pai, pensa por seus filhos e subordina seus próprios interesses aos deles.

3. E muito antes um pai corta um membro de seu próprio corpo do que do corpo do filho: mesmo depois de ter cortá-lo ele anseia substituí-lo, e ao cortá-lo, ele lamenta e hesita muito e muito tempo: pois quem condena rapidamente não está longe de estar disposto a condenar, e quem inflige muito grande punição chega muito perto de punir injustamente.

XV

1. Segundo eu me recordo, no foro, o povo agrediu, com golpes de faca, o cavaleiro romano Trica o que havia espancado até a morte seu filho. Não foi fácil até mesma para a autoridade de Augusto César livrá-lo das mãos de pais e de filhos enraivecidos.
2. Tário que surpreendera o filho em tentativa de parricídio, após tê-lo condenado em processo judicial, foi admirado por todos porque deu-se por pago com a pena de exílio, benigno ainda, já que o condenado ficaria confinado em Marselha, recebendo uma quota mensal de manutenção igual a que já recebia antes do crime. Tal magnanimidade fez com que, numa cidade onde não faltavam patronos de medidas extremas, ninguém duvidasse que o réu fora condenado de modo justo, embora o pai, não podendo odiar o filho, encontrou o modo de castigá-lo.
3. Neste mesmo exemplo, eu lhe apresento um bom príncipe para ser comparado com um bom pai. Ao instaurar o processo contra o filho, Tário convocou César Augusto para participar do conselho. Este se apresentou na residência particular do pai, sentou-se e integrou o grupo de conselho. Não pediu que fossem ao seu palácio porque então o julgamento seria de César e não do pai.
4. Ouvida a denúncia e apreciadas todas as provas tanto de defesa do mancebo como de acusação contra o mesmo, Augusto pediu que cada um escrevesse a própria sentença para que assim ficasse diferenciado de seu parecer. A seguir, antes da abertura do codicilo, jurou não reclamar a herança de Tário, homem rico.
5. Diria alguém: "Assim ele demonstrou fraqueza ao recear que pudesse parecer estar interessado na jogada, ao sentenciar sobre o jovem". Meu parecer é diverso. Qualquer um de nós teria contra as suspeitas malignas uma confiança plena na moralidade dele. Os príncipes acautelam-se bastante no atinente à própria fama.

6. Jurou que não iria reclamar sua parte na herança. É sabido que Tário, naquele mesmo dia, deixou de ter um segundo herdeiro, mas César salvou a liberdade de sua própria consciência ao provar que sua decisão era desinteressada. Aliás, disso o príncipe tem que cuidar sempre, com sumo esmero. Então disse que o filho deveria ser banido para onde fosse do agrado do pai. Assim não decidiu nem pelo suplício do saco¹¹ nem das serpentes nem pelo cárcere, levando em conta não a pessoa do condenado e, sim, aquele a quem estava dando assessoria de conselheiro.

7. Disse que o pai deveria contentar-se com a modalidade mais suave de punição, uma vez que se tratava de um filho muito jovem que, por sugestão de outros, tinha sido induzido ao crime no qual agiu com tal insegurança que deixou transparecer inocência. Em razão disso deveria ser eLivros da cidade e afastado dos olhos de seu pai.

XVI

1. Ó! Como César Augusto era digno de ser convocado para participar do conselho familiar dos pais! Como seria merecedor de ser constituído coerdeiro em linha com filhos inocentes!

Aquela sua clemência fica bem num príncipe. Onde ela desponta, tudo se torna ameno.

Ninguém é tão vil para os olhos de um rei que ele não lhe deplora a condenação. Por mínimo que seja sempre é um membro do seu império.

2. Agora, dos casos menores passemos para outros mais expressivos. Não é a mesma maneira de exercer o governo. O príncipe rege vassallos. O pai, os filhos. O mestre, os discípulos. O tribuno e o centurião, seus soldados.

3. Não seria o pior dos pais aquele que, com frequentes golpes de chicote, corrige os filhos por culpas mínimas? Qual professor será mais digno para ensinar as artes liberais: aquele que arranca sangue dos alunos, quando a memória não lhes é pronta ou porque seus olhos não dominam, com agilidade, os textos de leitura ou então aquele outro mestre que prefere, mediante advertência e apelo ao sentimento de honra, corrigir e instruir? Mostre-me um tribuno ou um centurião cruel. Ele criará desertores por pequenas falhas.

4. É, por ventura, justo que alguém seja governado com mais dureza do que os animais? Com efeito, o domador não inferniza o cavalo com golpes repetidos, uma vez que então o animal se torna espantadiço e rebelde, se não for acariciado com mão macia.

5. O mesmo ocorre com o caçador. Ele adentra os cães para rastrearem as presas e usa os treinados para descobrirem e perseguirem as feras. Não os ameaça, com frequência, porque assim lhes reprime o instinto natural que se degenera a ponto de ter medo da própria sombra. Também não os deixa

vaguearem ao léu. A tais exemplos pode ainda ser acrescentado o caso dos jumentos empacados que, embora acostumados ao desconforto da chibata, o excesso de batidas obriga-os a refugarem o cabresto.

XVII

1. Não existe fera mais indócil nem que deva ser tratada com mais perícia do que o homem. Também nenhuma outra merecedora de mais complacência. Que insensatez tremenda essa de ter vergonha de descarregar a cólera sobre jumentos e cães enquanto um homem é fustigado por mãos humanas! Curamos as doenças sem nos irritar.

2. Ora, aqui, está uma enfermidade da alma. Ela requer remédio adequado e médico gentil no trato com o cliente. Típico de mau médico é criar pânico para não fazer o tratamento. Ao invés, em tratamento de enfermos com doenças ético-morais deve se pautar, quem está encarregado da saúde de todos, pelo princípio: não se manifestar, de imediato, desesperado nem qualificar os sintomas de mortíferos. Saiba como lutar contra os vícios. Resista e repreenda em alguns a enfermidade, iluda a outros com procedimentos suaves, visto que os curará de modo mais rápido e seguro, disfarçando os remédios. Preocupe-se o príncipe tanto com a saúde como em não deixar que fiquem marcas desonrosas.

3. Nenhum rei alcança glória mediante um castigo cruel, embora possa infringi-lo. Ela será altaneira, quando livra a muitos da ira alheia e não sacrifica a ninguém à sua própria.

XVIII

1. É louvável exercer, com moderação, autoridade sobre os escravos. Também em relação a eles seja tido em apreço não o fato de poder infligir castigo sem receber represália, mas, sim, as tantas oportunidades para agir com bondade e justiça, perdoando, seja aos capturados em guerras, seja aos adquiridos no mercado. Com quanto mais justiça preceitua-se não abusar de homens livres e nobres, já que escravos não são. Deve tratá-los como inferiores na hierarquia social e considerar que deles detém apenas a tutela e não a servidão.

2. O escravo goza do direito de asilo tal como uma imagem sacra. Embora a lei confira liberdade no tratamento de escravos, existe algo, no entanto, que o direito comum de todo ser vivo veta ser praticado contra um ser humano. Quem não odiava mais a Védio Polião¹² do que seus escravos? Ele engordava as lampreias com sangue humano, sendo que a quem lhe causasse alguma ofensa, ele mandava enclausurar num reduto de serpentes. Eis um indivíduo merecedor de mil mortes. Ele jogava seus escravos para servirem às lampreias de alimento e só delas se servia depois de gordas.

3. Tal como os mestres cruéis são apontados, na cidade, com a ponta do dedo e são objetos de aversão e ódio, assim a injúria praticada por reis espalha-se mais notoriamente e sua péssima fama atravessa os séculos. Melhor fora não terem nascido que virem à luz para causar desgraça ao gênero humano.

XIX

1. Ninguém poderia cogitar algo de mais dignificante para um soberano do que a clemência, sejam quais tenham sido o modo e o direito mediante os quais ele está sobreposto aos demais. Estamos dispostos a assegurar que é mais honrosa e magnífica a altitude do seu poder quanto menos nocivo, desde que ajustado às leis da natureza.

2. A natureza mesma instituiu a primazia real. Isso é perceptível entre os animais como ocorre com as abelhas cuja rainha ocupa o cubículo mais espaçoso, no centro e cercado de segurança. Ela não trabalha enquanto estimula a atividade das companheiras. Perdida a rainha, o reino inteiro desmorona. As abelhas não admitem mais de uma e escolhem a melhor numa luta. Ademais, o formato do seu físico distingue-se das outras abelhas tanto pelo tamanho como pelo brilho das cores.

3. O que mais a diferencia das demais abelhas é o fato de serem elas irritadíssimas e, apesar de pequenas de corpo, bastante agressivas a ponto de deixarem, no ferido, o seu ferrão, enquanto a rainha sequer ferrão possui. Assim, não quis a natureza que ela fosse cruel nem poderosa sua vingança. Subtraiu-lhe a espada, deixando desarmada sua ira. Eis um magnífico exemplo para os grandes reis. Destarte, costuma a natureza revelar-se em coisas mínimas, inculcando ensinamento para coisas grandes, mediante modelos minúsculos.

4. Ficamos vexados por não imitarmos os hábitos dos pequenos animais. O coração humano deveria ser tão moderado quanto fogoso em prejudicar. Quem dera o homem estivesse sob a mesma lei e que sua ira ficasse intimidada junto com sua lança, não lhe sendo lícito prejudicar mais de uma única vez nem abastecer seu ímpeto de ira com a ajuda de terceiros. Então seu furor ficaria controlado, quando abastecido só por si, e só ativasse seu vigor perante o perigo de morte.

5. Hoje, não existe mais percurso seguro. É necessário temer na medida em que se faz temível. A atenção esteja voltada para as mãos de todos. Nas horas em que não ocorre perseguição, convém imaginar que ela existe. Assim não fique instante algum isento de temor. Ora, haveria, por ventura, alguém que iria tolerar uma vida assim atribulada, quando é bem mais fácil ser em relação aos outros inofensivo, exercendo o direito de cidadania com acolhimento plausível para todos? Engana-se quem pensa que o rei está seguro, quando ninguém está assegurado pelo próprio rei. Segurança só é garantia, quando recíproca.

6. Não é necessário construir, nas alturas, castelos com torres nem guarnecer as paredes das colinas nem fender as laterais das montanhas nem ainda cercar-se de muralhas e torres. A clemência por si só mantém a segurança do rei, à vista de todos. Pois a fortaleza inexpugnável é o bem-querer dos súditos.

7. Que há de mais esplêndido do que viver a vida na companhia daqueles que a incentivam com votos de bem-estar isentos de qualquer ameaça? Quando periga o bem-estar geral, daí advém pavor e não só ansiedade. Eis que nada existe de tão precioso para o súdito que ele não queira partilhar com o rei.

8. Não há dúvida de que o indivíduo agraciado pelo destino não deve viver só para si. Ele tem demonstrado, em repetidas provas de benevolência, que o Estado não é dele e, sim, ele do Estado. Quem se atreveria a armar-lhe alguma cilada? Mesmo na expectativa de poder, então não haveria quem não quisesse ver distante dos azares do destino esse príncipe sob cujo poder reinam a justiça, a paz, o pudor, a segurança e a dignidade bem como esta cidade em que floresce toda espécie de bem? Ela não olha seu soberano com sentimento diverso com que contemplaríamos plenos de devoção e de carinho aos deuses imortais, se nos fosse dada a graça de contemplá-los. E daí? Não tem um lugar próximo dos deuses aquele que se conduz segundo a natureza divina, sendo benéfico e generoso a fim de aperfeiçoar seu poderio pessoal? Eis o que devemos almejar e imitar, a saber, apenas ser considerado indivíduo sublime se também for o melhor.

XX

1. Um príncipe geralmente inflige punição por uma das duas razões: ele quer afirmar seus próprios direitos ou os de outro. Discutirei primeiro o caso em que ele está pessoalmente interessado, pois é mais difícil para ele agir com moderação quando age sob o impulso da dor real do que quando simplesmente faz isso por causa do exemplo.

2. É desnecessário neste ponto lembrá-lo de ser cuidadoso em acreditar no que ouve, em revelar a verdade, em demonstrar favor à inocência, e em ter em mente que provar isso é tão importante para o juiz quanto para o prisioneiro; pois essas considerações estão ligadas à justiça, não à clemência: o que estamos encorajando agora a fazer é não perder o controle sobre seus sentimentos quando recebe um ferimento inconfundível, e renunciar a puni-lo se puder fazê-lo com segurança, se não para moderar a severidade do castigo e mostrar-se muito menos disposto a perdoar os erros cometidos contra os outros do que os cometidos a si mesmo:

3. Pois, assim como o homem verdadeiramente generoso não é aquele que entrega o que pertence aos outros, é aquele que se priva do que ele dá a outro, então eu também não devo chamar um príncipe clemente aquele que permanece bem humorado com um erro cometido a outra pessoa, mas quem é indiferente também mesmo pela picada de um dano pessoal, que entende como é magnânimo alguém cujo poder é ilimitado para permitir-se ser injustiçado, e que não há espetáculo mais nobre do que o de um soberano que tenha sofrido um ferimento sem vingá-lo.

XXI

1. O castigo produz duas consequências: dar satisfação à pessoa injuriada e ensinar segurança para o futuro. A posição do príncipe é bastante altaneira para necessitar de consolo e sua força é tão manifesta que dispensa recurso contra a maldade para o bem da própria reputação. Falo isso para o caso de agressão e ultraje da parte dos inferiores. Basta olhar como estando abaixo de si quem ousa igualar-se e já está vingando. O rei pode ser morto por um escravo, uma cobra, uma flecha, mas ninguém que não lhe for superior terá o privilégio de salvá-lo.

2. Ele que tem o poder de dar e de tirar a vida deve fazer uso desse precioso dom dos deuses com nobreza de alma. Ainda mais em face daqueles que, tempos atrás, estiveram no mesmo nível. O fato, agora, de ter sobre os demais poder, já satisfaz e aplaca a vindicação. Isso equivale ao autêntico castigo. Perde a vida quem a deve a outrem. Assim todo rei, arrancado das altitudes e prostrado aos pés do adversário, esperando da boca dele a sentença final sobre sua vida e reino, passa a viver para a glória de seu rival e, sendo preservado, concorre mais para a fama do mesmo do que se estivesse sido rechaçado deste mundo. Então ele passa a ser um espetáculo permanente da glória do vencedor, ao passo que, em cortejo triunfal, seria apenas um símbolo de curta duração¹³.

3. Se até pode, sem perigo, deixar-lhe o reino e repô-lo no trono de onde caíra, então, com magno incremento de aplauso, cresce o reconhecimento para quem se contentou em fazer da vitória sobre um rei apenas motivo de glória. Isso equivale a triunfar da própria vitória e demonstrar não ter feito dos vencidos senão o que seria digno de um vitorioso.

4. Com vassallos, desconhecidos e pessoas da baixa categoria social deve-se agir com tanto mais moderação quanto exígua é a vantagem em afligi-los. Se a uns perdoa com complacência, a outros recusa qualquer castigo, retirando de cima deles as mãos tal como se fossem aqueles insetos que sujam as mãos de quem os esmaga. Porém, aqueles cujo perdão ou punição

anda de boca em boca pela cidade inteira, esses lhe proporcionam oportunidade e deve aproveitá-la para um gesto ilustre de clemência.

XXII

1. Passemos, agora, para as injúrias feitas aos outros. Na punição delas, três são os objetivos visados pela lei, sendo que também o príncipe deve ter em vista, a saber: ou reformar o indivíduo punido ou puni-lo a fim de melhorar os outros ou, mediante o afastamento do perverso, deixar os demais viverem com maior segurança. Realmente, ninguém respeita a própria dignidade, quando ela já não existe. É uma espécie de impunidade não ter mais nada que a punição possa levar.

2. Os costumes civis são mais preservados, quando reina moderação no modo de aplicar a penalidade. A turba dos delinquentes reforça a prática da prevaricação, enquanto a pena fica menos perceptível quando elimina o volume de condenados. Por sua vez; a severidade, esse remédio extremo, perde sua eficácia, se for aplicado com muita frequência. O príncipe reforça, na cidade, os bons costumes e a livra dos vícios, desde que saiba como tolerá-los, não como quem autoriza e sim como quem, com muita repugnância, vê-se forçado a castigá-los. A clemência da parte do príncipe produz a vergonha no delinquente e a penalidade torna-se mais severa, quando imposta por um juiz moderado.

XXIII

1. Além disso, você descobrirá que os pecados que frequentemente são punidos são frequentemente cometidos. Seu pai costurou mais parricidas em sacos¹⁴ durante cinco anos, do que ouvimos em todos os séculos anteriores. Enquanto o maior dos crimes permaneceu sem nenhuma lei especial, os filhos eram muito mais tímidos quanto a cometê-lo. Nossos sábios antepassados, profundamente habilidosos na natureza humana, preferiram passar isso como sendo uma maldade grande demais para a crença, e além da audácia do pior criminoso, em vez de ensinar aos homens que isso poderia ser feito nomeando um tipo penal para a prática. O parricídio, conseqüentemente, era desconhecido até que uma lei foi feita contra ele, e a criminalização mostrou-lhes o caminho para o crime. O afeto filial logo pereceu, pois naquele tempo vimos mais homens punidos pelo saco do que pela cruz.

2. Onde os homens raramente são punidos, a inocência se torna a regra e é encorajada como um benefício público. Se um governo se julgar inocente, será inocente: ficará ainda mais zangado com aqueles que corrompem a simplicidade geral das boas maneiras se perceberem que são poucos em número. Acredite em mim, é perigoso mostrar como a quantidade de homens maus é grande.

XXIV

1. Uma proposta foi feita uma vez no Senado para distinguir escravos de homens livres por suas roupas: foi então descoberto quão perigoso seria se nossos escravos pudessem contar seus números. Esteja certo de que a mesma coisa seria o caso se nenhuma ofensa fosse perdoada: descobrir-se-á rapidamente até que ponto o número de homens maus excede o dos bons.

2. Muitas execuções são tão vergonhosas para um soberano quanto muitos funerais são para um médico: quem governa menos estritamente é melhor obedecido. A mente humana é naturalmente voluntariosa, chuta contra o aguilhão e coloca sua face contra a autoridade; seguirá mais prontamente do que pode liderar. Como os cavalos bem treinados e de boa energia são mais bem administrados com uma rédea solta, a clemência dá à mente dos homens um viés espontâneo em relação à inocência, e o público acha que vale a pena observa-la. A clemência, portanto, faz mais bem que a severidade.

XXV

1. A crueldade é um vício nada humano. É indigna de um coração manso. Furor raivoso que se compraz com sangue e ferimentos é típico de fera. Ora, equivale a despojar-se da dignidade humana o fato de identificar-se com animal selvagem. Eis que eu pergunto: que diferença há, ó Alexandre, entre lançar Lisímaco ao leão ou você mesmo dilacerá-lo com seus dentes? Quanto desejaria ter aquelas garras e aquela garganta apta a engolir um indivíduo por inteiro. Não exigimos de você que essa mão assassina de amigos seja para alguém salutar ou que esse seu temperamento feroz e insaciável de calamidade para as nações contente-se com outra coisa que não seja sangue e carne, já que para você ganha o nome de clemência a escolha do algoz que vai trucidar seu amigo.

2. Eis o que deve ser alvo de máxima abominação: o sadismo. Esse supera os limites costumeiros, depois os humanos, em busca de novos tipos de suplício. Ele chama em sua ajuda o engenheiro que inventa instrumentos que diversificam os sofrimentos enquanto prolonga-os e assim se deleita com as aflições do ser humano. Então aquela terrível morbidez da alma atinge o ponto extremo, quando a crueldade se funde no prazer porque então matar um ser humano vira motivo de alegria.

3. Farejando o rastro desse tipo de monstro, rastejam a aversão, o ódio, o veneno e o punhal. Tantas serão as ameaças desencadeadas quantos forem os indivíduos que as temem, seja na forma de conspiração privada, seja na de eclosão, à surdina, de uma revolta pública. Uma maldade leve e pessoal não abala cidades inteiras, porém daí toma pé o enfurecimento que acaba contaminando a todos. Então de todos os lados despontam as armas.

4. As serpentes pequenas rastejam, ocultando-se da visão sem serem perseguidas. Porém, quando têm um tamanho acima do comum, elas tomam proporções de monstro. Então com sua peçonha infeccionam as fontes e com seu hálito contaminam o espaço por onde passam. É quando de todos

os cantos são desferidas as pauladas. Os males pequenos podem enganar e desaparecer, mas os grandes são perseguidos por nós.

5. Assim um único enfermo não perturba a família, mas quando a frequência de morte denuncia uma peste, a cidade inteira grita e todos os braços levantam-se para os deuses. Se uma chama aparece sob um único teto, a família e os vizinhos acorrem, trazendo água. Quando o incêndio é vasto e brota em muitas casas, então derrubam-se bairros inteiros da cidade a fim de apagar as chamas.

XXVI

1. A crueldade até mesmo dos homens civis foi às vezes vingada pelos seus escravos, apesar da certeza de que eles seriam crucificados. Reinos e nações inteiras, quando oprimidos por tiranos ou ameaçados por eles, tentaram sua destruição. Às vezes, seus próprios guardas levantam-se em revolta e usam contra seu mestre todo o engano, deslealdade e ferocidade que aprenderam com ele. O que, de fato, ele poderia esperar daqueles que ensinou serem maus? Um homem mau não será por muito tempo obediente, e não fará tanto mal quanto ele é ordenado.

2. Mas mesmo que o tirano seja cruel com a segurança, quão miserável deve ser o seu reino: deve parecer uma cidade tomada pela tempestade, uma cena assustadora de pânico geral. Em toda parte tristeza, ansiedade, desordem; os homens temem até seus próprios prazeres; eles não podem nem jantar uns com os outros em segurança quando têm que vigiar suas línguas mesmo quando estão em suas xícaras, nem podem comparecer com segurança aos espetáculos públicos quando os informantes estão prontos para encontrar motivos para censura de seu comportamento lá.

3. Embora os espetáculos sejam fornecidos a um custo enorme, com magnificência real e artistas mundialmente famosos, quem se importa com diversão quando está preso? Ó deuses! Que vida miserável é matar e enfurecer, deleitar-se no barulho de correntes e cortar a cabeça de um conterrâneo, fazer o sangue fluir livremente para onde quer que vá, aterrorizar as pessoas e fazê-las fugir da vista! É o que aconteceria se ursos ou leões fossem nossos mestres, se as serpentes e todas as criaturas mais venenosas tivessem poder sobre nós.

4. Mesmo esses animais, desprovidos de razão como são, e acusados por nós de, poupam sua própria espécie, e os próprios animais selvagens respeitam sua própria semelhança: mas a fúria dos tiranos nem sequer se detém em suas próprias relações, e eles tratar amigos e desconhecidos da mesma forma, apenas se tornando mais violentos quanto mais eles

satisfazem suas paixões. Por graus insensíveis, ele procede da matança de indivíduos à ruína das nações, e considera um sinal de poder incendiar os telhados e arrasar as cidades antigas: ele considera indigno de um imperador ordenar apenas um ou outro a serem mortos, e acha que sua crueldade é indevidamente restringida se tropas inteiras de infelizes não forem enviadas para execução juntas.

5. A verdadeira felicidade, por outro lado, consiste em salvar a vida de muitos homens, em chamá-los de volta das próprias portas da morte e em ser tão misericordioso a ponto de merecer uma coroa cívica¹⁵. Nenhuma decoração é mais digna ou mais digna de um príncipe do que aquela coroa "por salvar a vida dos concidadãos: não troféus arrancados de um inimigo vencido, nem carros encharcados com o sangue de seu dono selvagem, nem espólios capturados na guerra. Esse poder que salva a vida dos homens em multidões e nações, é divino: Matar em massa e, indiscriminadamente, equivale ao poderio do incêndio e da ruína.

Livro II

I

1. O que me incentiva, Nero César, escrever acerca da clemência é uma palavra sua. Eu me recordo de quando a ouvi, fiquei pleno de admiração que se renova, cada vez, que dela me lembro. Foi um pronunciamento generoso, magnânimo e repleto de mansidão. Em síntese, uma palavra sem artifício que brotou espontânea, demonstrando quanto era sua generosidade em desafio à fortuna.

2 - Na iminência de castigar dois ladrões, Burrus, varão egrégio, prefeito de pretório, nascido para servir a realeza, pediu que você, ó César, escrevesse os nomes dos culpados e a razão da punição a ser-lhes aplicada. Já que você sempre protelava a decisão, ele persistia, cobrando-a. Embora Burrus estivesse indeciso, quando apresentou o documento, você, todo relutante, exclamou: "quisera eu não saber escrever".

3. Ó que exclamação digna de ser ouvida por todos os povos do Império Romano! Também por aqueles que, nas suas imediações, gozam de liberdade precária e mesmo por aqueles que se levantam contra ele com toda força e coragem. Ó exclamação que deveria ser pronunciada diante da assembleia de todos os mortais. Assim tais palavras serviram de juramento para príncipes e reis. Ó exclamação digna da universal inocência do gênero humano. Ela merecia fazer reviver os tempos passados!

4. Agora, na verdade, todos devemos concordar em amar a justiça e a bondade; a cobiça, que é a raiz de todo o mal, deve ser afastada, a piedade e a virtude, a boa fé e a modéstia devem retomar seu reinado interrompido, e os vícios que há tanto tempo e tão vergonhosamente nos governaram devem finalmente dar lugar a uma era de felicidade e pureza

II

1. É gratificante, ó César, esperar e confiar para um futuro próximo a concretização, em larga escala, desse sonho. Então será difundida essa mansidão do seu espírito e difundir-se-á, paulatinamente, através de toda estrutura do Império, sendo tudo reformulado pela sua imagem. Da cabeça advém a saúde boa. Conforme a alma, viceja ou murcha o organismo por inteiro dela recebe vigor ou enfraquecimento. Então haverá cidadãos, haverá aliados dignos desta sua bondade e para o planeta todo retomarão os bons costumes com a ausência de mãos sanguinárias.

2. Seja-me permitido deter-me mais a longo neste assunto sem afagar seus ouvidos. Isso, aliás, não é do meu estilo, já que prefiro magoar com a verdade a alegrar a lisonja. Qual é então a minha razão? Independentemente do meu desejo que sejam bem familiares suas realizações e palavras a fim de que quanto é, hoje, produto do teu temperamento e instinto natural converta-se em reflexão criteriosa, ocorre-me recordar que muitas sentenças famosas, embora detestáveis, foram inseridas no convívio humano, alcançando universal celebridade tal como aquela "odeiem-me desde que me temam". Com esse faz parceria aquele outro verso grego, "έμοῦ θανουτος γαῖα μιχθητω πυρί", no qual um homem pede "depois de morto, que o mundo pereça em chamas". E outras mais do mesmo timbre.

3. Eu não entendo como gênios fecundos em tais monstruosidades tão detestáveis logram expressar sentimentos de tamanha violência que geram perturbações. Até agora ainda não ouvi voz alguma que se inspirasse no bem e na brandura. Que quero dizer com isso? Embora, tardiamente, contrariado e hesitante, mesmo assim é necessário que escreva aquela sua sentença que despertou ódio por saber escrever. Importa, sim, que, agora, seja ela externada, apesar das dúvidas e relutâncias, como você faz agora.

III

1. Para que não nos engane a simpática palavra "clemência" nem nos leve ao seu extremo oposto, vejamos o que é clemência, em que consiste e dentro de que limites deve ser mantida. Clemência é a moderação de espírito humano no desempenho do poder de castigar ou então, a brandura do superior em face do inferior, quando da aplicação da pena. É mais seguro aduzir as muitas outras definições porque uma única não é suficiente para a compreensão plena do tema. Ora, para formular de outro modo, corre-se o risco de acabar disperso em meio às formulações. Em todo caso, podemos definir a clemência como uma inclinação da mente para o abrandamento no ato de impor um castigo.

2. Outra definição que desperta opositores, embora seja mais próxima da verdade, é a que diz ser a clemência a moderação que cancela uma parte da pena merecida. Seria então contraposto que nenhuma virtude opera nada menos do que o devido. Apesar disso, todos entendem que a clemência consiste em flexionar mais para o lado oposto ao que poderia ser exigido pela justiça estrita.

IV

1. Julgam os mal informados que a severidade conflita com a clemência. Acontece que virtude nenhuma é contrária à outra. Que é então o oposto da clemência? A crueldade. Esta não é outra coisa senão a dureza do coração no ato de aplicar a pena. Diriam: "A alguns há que sem imporem pena, são cruéis. Assim quem mata desconhecido e transeunte. Age tal individuo não por cupidez e sim por mero prazer de matar. Pior. Não contente com o matar ainda tortura a vítima como fazia Busíris¹⁶ e Procusto¹⁷. Também os piratas açoitam os prisioneiros e lançam-nos vivos no fogo."

2. Isso é realmente crueldade. Como, aí não existe vingança, já que não antecedeu ofensa, nem represália contra crime que não existe, então isso fica fora de nossa definição. Nosso ponto de vista supõe a severidade no ato de aplicar a pena. Poderíamos dizer que aquilo não é crueldade e, sim, ferocidade, porque há, ali, deleite com a sevícia. Poder-se-ia qualificar como demência com suas várias espécies, sendo a mais típica aquela que finda em matança e esquartejamento.

3. Classifico também como cruéis aqueles que têm motivo para castigar, porém não possuem moderação. Assim era Fálaris¹⁸. Dele dizem que se enfurecia não contra os inocentes, mas contra qualquer norma humana digna de acatamento. Evitando subtileza, podemos definir a crueldade como uma tendência psíquica para o rigorismo. Bem isso é que a clemência repele e mantém distante. Em compensação, ela é compatível com a severidade.

4. Agora, cabe investigar o que é misericórdia. Muitos que a exaltam como virtude e denominam a pessoa boa de misericordiosa. Ora, esta é um vício de alma. Ficou estabelecido, acima, o que deve ser conceituado acerca da severidade e da clemência. Sob a máscara de severidade podemos decair na crueldade enquanto sob a aparência de clemência cair para a misericórdia. Verdade que essa é mais leve do aquela, no entanto ambas erram em ficarem distantes da verdade.

V

1. Tal como a religião cultua os deuses enquanto a superstição ultraja-os, assim todo indivíduo bom demonstra clemência e mansidão, porém evita a misericórdia, já que esta é uma debilidade da alma que desfalece diante dos males alheios. Ela se torna afeiçoadíssima dos piores caracteres. São as velhas e meninas¹⁹ simplórias que se emocionam com as lágrimas dos criminosos. Se lhes fossem possível, elas arrombariam os portões dos cárceres. A misericórdia não atenta para a causa do delito, só vê o sofrimento. Ao invés, a clemência leva em conta as causas.

2. Eu sei que para os mal informados a corrente filosófica dos Estoicos é tida como muito rigorosa e por isso nada apta para propor qualquer bom conselho para os príncipes e reis. Ela, com efeito, é acusada de proibir para ao sábio ter compaixão e de vetar-lhe conceder perdão. Ora, isso, à primeira vista, parece ser inadmissível porque não deixa para o erro humano expectativa alguma além da punição pelo delito.

3. Mas, se assim fosse, que resta então dessa teoria que manda desempenhar plenitude de humanidade e trancar qualquer reduto seguro para a má-fortuna, quando fala do dever da mútua ajuda? Fato é que não existe corrente filosófica mais benigna nem mais branda nem mais voltada para o bem comum. Seu intento não é só a utilidade pessoal. É, sim, o bem de todos e de cada um.

4. A misericórdia é uma doença de alma perante a miséria alheia. Ela se entristece por pensar que os castigos aplicados são imerecidos. No entanto, enfermidade psicológica nenhuma afeta o sábio. Ele desfruta de mente serena. Nada a perturba. Coisa alguma convém tão adequadamente ao ser humano como a grandeza de alma e nada pode ser grandioso e triste ao mesmo tempo.

5. A aflição abala a mente, deprime-a e lhe reduz. Ora, isso não acontece para o sábio nem em suas calamidades, já que ele reverte a ira da fortuna e

triunfa sob ela. Ele ostenta sempre o mesmo rosto plácido, imperturbável. Ora, isso não poderia ocorrer, se ele fosse atingido pela amargura.

VI

1. Adicione isto: o homem sábio provê para o futuro e sempre tem um plano de ação pronto, mesmo assim nada claro e verdadeiro pode fluir de uma fonte perturbada. A mágoa é desajeitada ao rever negócios, ao planejar expedientes úteis, evitar cursos perigosos e pesar os méritos dos justos: portanto, o homem sábio não sentirá misericórdia, porque isso não pode acontecer a um homem a menos que sua mente seja perturbada.

2. Ele fará de bom grado e prontamente tudo o que aqueles que sentem piedade estão habituados a fazer; ele secará as lágrimas dos outros, mas não misturará as suas com a deles; ele estenderá a mão ao marinheiro naufragado, oferecerá hospitalidade ao eLivros e esmola aos necessitados - não do modo ofensivo em que a maioria daqueles que desejam ser considerados bondosos lançam sua doação àqueles a quem assistem e retraem-se de seu toque, mas como um homem daria a outro algo fora do estoque comum - ele restaurará crianças a suas mães chorando, soltará as correntes do cativo, libertará o gladiador de sua escravidão, e até enterrará a carcaça do criminoso, mas ele vai realizar tudo isso com uma mente calma e inalterada expressão de semblante.

3. Assim, o homem sábio não compadecerá dos homens, mas os ajudará e servirá a eles, visto que nasceu para ser uma ajuda para todos os homens e um benefício público, do qual ele concederá uma parte a cada um. Ele até concederá uma parte proporcional de sua generosidade àqueles sofredores que merecem culpa e correção; mas ele ajudará muito mais aqueles cujos problemas e adversidades são causados pelo infortúnio. Sempre que ele puder, ele irá se interpor entre a Fortuna e suas vítimas: pois que melhor emprego pode encontrar sua riqueza ou força do que em estabelecer novamente o que a sorte derrubou? Ele não mostrará nem sentiria qualquer desgosto por um homem ter pernas cochas, ou uma pele enrugada e flácida, ou apoiar seu corpo envelhecido sobre uma bengala; mas fará bem aos que a merecem e, como um deus, olhará benignamente para todos os que estão com problemas.

4. A misericórdia é vizinha da miséria: é parcialmente composta e parcialmente derivada dela. Você sabe que os olhos devem estar fracos, se eles se encherem de repugnância diante da visão do outro, assim como não é alegria real, mas histeria que faz as pessoas rirem porque os outros riem e bocejam sempre que outras abrem as mandíbulas: misericórdia é um defeito a mente das pessoas que são extraordinariamente afetadas pelo sofrimento, e aquele que requer que um homem sábio a exponha, não está longe de exigir que ele lamente e solte gemidos quando estranhos são enterrados.

VII

1. Mas por que não deveria perdoar?²⁰ Vamos decidir por definição exata essa outra matéria escorregadia, a verdadeira natureza do perdão, e então perceberemos que o homem sábio não deve concedê-lo. O perdão é a remissão de uma punição merecida. As razões pelas quais o sábio não deve conceder essa remissão são dadas por aqueles a quem essa pergunta é especialmente feita: vou dizer brevemente, como se não fosse minha preocupação decidir este ponto,

2. "Um homem concede perdão a aquele a quem ele deveria punir: agora o homem sábio não faz nada que não deva fazer, e não omite nada que deva fazer: ele não remete, portanto, nenhuma punição que deva proferir. O sábio concederá de maneira mais honrosa o que você deseja obter por perdão, pois ele lhe concederá subsídios, consultará seus interesses e corrigirá seus maus hábitos: ele agirá como se estivesse perdoadando você, mas no entanto, ele não perdoará você, porque aquele que perdoa admite que, ao fazê-lo, negligenciou uma parte de seu dever, punirá apenas algumas pessoas por repreendê-las e não infligirá mais penalidade se considerar que são de uma idade que admite reforma: algumas pessoas que são incontestavelmente implicadas numa acusação odiosa ele absolverá, porque foram enganadas em pecar, ou não estavam sóbrios quando cometeram a ofensa com a qual são acusados: deixará seus inimigos partirem ilesos, às vezes até com palavras de elogio, se foram obrigados a pegar em armas para defender sua honra, seus pactos com os outros, sua liberdade ou qualquer outro fundamento honroso.

3. Todos esses feitos vêm sob título da clemência, não do perdão. A clemência é livre para chegar a qualquer decisão que lhe agrada: ela decide, não sob qualquer estatuto, mas segundo a equidade e a bondade: ela pode absolver o acusado ou impor os danos que lhe agrada. Ela não faz nenhuma dessas coisas como se estivesse fazendo menos do que a justiça exige, mas como se o caminho mais justo possível fosse o que ela adotasse. Por outro lado, perdoar não é punir um homem que você decidiu que deveria ser

punido; o perdão é a remissão de uma punição que deveria ser infligida. A primeira vantagem que a clemência tem sobre ele é que ela não diz àqueles a quem deixa escapar que deveriam ter sofrido: ela é mais completa, mais honrada do que o perdão".

4. Na minha opinião, esta é uma mera disputa sobre palavras, e estamos de acordo sobre a coisa em si. O homem sábio remeterá muitas penalidades e salvará muitos que são iníquos, mas cuja maldade não é incurável. Ele agirá como bons lavradores, que não cultivam apenas árvores altas e retas, mas também aplicam adereços para endireitar aquelas que se tornaram tortas por várias causas; eles cortam alguns, para que a luxúria de seus ramos não impeça seu crescimento ascendente, cuidam daquelas que foram enfraquecidas ao serem colocadas em uma posição inadequada e dão ar àqueles que são ofuscados pela folhagem dos outros.

5. O homem sábio verá os vários tratamentos adequados a várias disposições, e como o que é torto pode ser endireitado. . . .

. . . .

NOTAS:

1 *nobilis indoles*

2 Estoicismo

3 referência o epicurismo

4 **Caio Múcio Cévola** (em latim: *Gaius Mucius Scaevola*). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, o romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equívoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado.

5 **Marcus Curtius** foi um jovem romano mitológico que se ofereceu aos deuses do Hades. Após um terremoto em 362 aC, uma enorme cova profunda de repente se abriu no Fórum Romano, que os romanos tentaram preencher em vão. Desesperados, consultaram um áugure que respondeu que os deuses exigiam o bem mais precioso do país. Os romanos duvidaram do aviso e se esforçaram para pensar no que era aquilo. No entanto, um jovem soldado chamado Marcus Curtius respondeu que as armas e a coragem dos Romanos eram os bens mais preciosos da nação. Montado em seu cavalo, totalmente e meticulosamente armado e decorado, Marcus pulou no abismo. Imediatamente, o poço profundo se fechou sobre ele, salvando Roma.

6 Virgílio, *Geórgicas*, IV, 212

7 Gertz lê sessenta, seu sexagésimo ano, o que ele chama de "a conjectura não muito audaciosa de Wesseling", e acrescenta que ele faz isso por causa das palavras no início do cap. XI. ea autoridade de Dion Cassius. A leitura comum é de quarenta anos, "seu quadragésimo ano," e esta é a data a que conspiração da Cinna é referida por Merivale, "História dos romanos sob o Império". "A trama", diz ele, "foi formada para sua destruição, à frente dos quais estava Cinna, descrito como um filho de Artaxata por uma filha do grande Pompeio". A história de conspiração de Cinna é contada por Sêneca e Dion. Eles concordam no fato principal; mas Seneca é a nossa autoridade para os detalhes da entrevista entre Augusto e seu inimigo, enquanto Dion tem, sem dúvida, inventou a longa conversa entre o imperador e Livia. Sêneca, no entanto, chama o conspirador Lucius, e coloca o evento no quadragésimo ano de Augusto (AD 731), a cena na Gália: Dion, por outro lado, dá os nomes de Pompeu, e supõe as circunstâncias terem ocorrido vinte seis anos depois, e em Roma.

8 Veja a peça de Shakespeare's "Julio Casar" Ato IV. Cena. 1.

9 Uma alusão ao título de "pai de seu país", concedido pelo Senado a Augusto.

[10](#) Veja [Sobre a Ira](#), Livro II cap. II

[11](#) **Poena cullei** (do latim '*penalidade do saco*') sob a lei romana era um tipo de pena de morte imposta a quem fosse considerado culpado de parricídio. A punição consistia em ser costurado em um saco de couro, às vezes com uma variedade de animais vivos, e depois ser jogado na água.

[12](#) Públio **Véδιο Polião** (em latim: Publius Veditius Pollio;.) foi um equestre romano nomeado governador da Ásia. No final de sua vida, Polião ficou famoso por seus gostos luxuosos e pela crueldade com que tratava seus escravo. Quando ele tentou executar um escravo que quebrou uma taça de cristal, Augusto, que estava presente, ficou tão chocado que interveio para impedir a execução do escravo e ordenou que todos os valiosos cálices de Polião fossem deliberadamente quebrados.

Veja [Sobre a Ira](#), XL,2

[13](#) Os príncipes conquistados que eram conduzidos triunfalmente através de Roma e, em regra, mortos quando ao fim da procissão.

[14](#) **Poena cullei** (do latim '*penalidade do saco*') sob a lei romana era um tipo de pena de morte imposta a quem fosse considerado culpado de parricídio. A punição consistia em ser costurado em um saco de couro, às vezes com uma variedade de animais vivos, e depois ser jogado na água.

[15](#) A **coroa cívica** (em latim: *corona civica*) É uma grinalda de folhas de carvalho dispostas como uma coroa. Durante a República Romana e o subsequente Principado, foi considerada como a segunda em honra e importância sendo presenteada a quem houvesse preservado a vida de um romano em batalha, sendo acompanhada pela inscrição *Ob civem servatum* ("devido a um cidadão salvo"). Foi concedida a Augusto, e depois dele aos outros imperadores, como preservadores do Estado.

[16](#) **Busíris** na mitologia grega foi um rei no Egito. Sua terra estava sofrendo com fome após nove anos de seca, e o rei anunciou que a chuva chegaria se um estrangeiro fosse sacrificado, o que funcionou. Busíris continuou sacrificando qualquer estrangeiro que chegasse ao Egito, até ser morto Hercules.

[17](#) **Procusto** era é um personagem da mitologia grega, que vivia na serra de Elêusis. Em sua casa, ele tinha uma cama de ferro, que tinha seu exato tamanho, para a qual convidava todos os viajantes a se deitarem. Se os hóspedes fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento para ajustá-los à cama, e os que tinham pequena estatura eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. Uma vítima nunca se ajustava exatamente ao tamanho da cama porque Procusto, secretamente, tinha duas camas de tamanhos diferentes.

[18](#) Fálaris (em grego: Φάλαρις) foi encarregado da construção do templo de Zeus Atabyrius na cidadela, e aproveitou sua posição para tornar-se déspota. Fálaris era famoso por sua crueldade excessiva. Entre suas supostas atrocidades são atribuídos o canibalismo e a construção do Touro de Bronze, instrumento de tortura que também leva seu nome.

[19](#) "Três ou quatro moças onde eu estava, gritaram: 'Ah, boa alma!' e perdoáram-lo com todo o seu coração: mas não há nenhuma atenção para ser tomado nelas, se César tivesse esfaqueado suas mães, elas não teriam feito diferente." Trecho de Shakespeare, Júlio César, ato I. cena. 2

[20](#) Ver acima, Livro I capítulo V

L. ANNÆI SENE CÆ
AD NERONEM CÆSAREM
de Clementia,
LIBER PRIMVS,

CAPVT I.

10 **S**CRIBERE de clementia, Nero Cæsar, institui: ut quodammodo speculi vice fungeret, & te tibi ostenderem, peruenturum ad voluptatem maximam omnium. Quãuis enim rectè factorum verus fructus sit fecisse, nec ullam virtutum pretium dignum illis extra ipsas sit: iuuat tamen inspicere & circuire bonam conscientiam, tum immittere oculos in hanc immensam multitudinem, discordem, seditiosam, impotentem, in perniciem alienam suamque pariter exultaturam, si hoc iugum fregerit, & ita loqui secum. Ego ex omnibus mortalibus placui, electusque sum, qui in terris deorum vice fungeret: ego vitæ necisque gentibus arbiter qualem quisque sortem statumque habeat, in manu mea positum est. Quid cuique mortalium fortuna datum velit, meo ore pronuntiat. Ex
20 nostro responso lætitiæ causas populi urbisque concipiunt. Nulla pars usquam, nisi volente propitioque me floret. Hæc tot millia gladiatorum, quæ pax mea comprimit, ad nutum meum strigentur: quas nationes funditus excindi, quas transportari, quibus libertatem dari, quibus erigi,
30 b. iiij.

De Clementia ad Neronem Caesarem

Liber I

I.

1. Scribere de clementia, Nero Caesar, institui, ut quodam modo speculi vice fungerer et te tibi ostenderem perventurum ad voluptatem maximam omnium. Quamvis enim recte factorum verus fructus sit fecisse nec ullum virtutum pretium dignum illis extra ipsas sit, iuvat inspicere et circumire bonam conscientiam, tum immittere oculos in hanc immensam multitudinem discordem, seditiosam, impotentem, in perniciem alienam suamque pariter exsultaturam, si hoc iugum fregerit, et ita loqui secum:

2. 'Egone ex omnibus mortalibus placui electusque sum, qui in terris deorum vice fungerer? Ego vitae necisque gentibus arbiter; qualem quisque sortem statumque habeat, in mea manu positum est; quid cuique mortalium Fortuna datum velit, meo ore pronuntiat; ex nostro responso laetitiae causas populi urbesque concipiunt; nulla pars usquam nisi volente propitioque me floret; haec tot milia gladiatorum, quae pax mea comprimit, ad nutum meum stringentur; quas nationes funditus excidi, quas transportari, quibus libertatem dari, quibus eripi, quos reges mancipia fieri quorumque capiti regium circumdari decus oporteat, quae ruant urbes, quae oriantur, mea iuris dictio est.

3. In hac tanta facultate rerum non ira me ad iniqua supplicia compulit, non iuvenilis impetus, non temeritas hominum et contumacia, quae saepe tranquillissimis quoque pectoribus patientiam extorsit, non ipsa ostentandae per terrores potentiae dira, sed frequens magnis imperiis gloria. Conditum, immo constrictum apud me ferrum est, summa parsimonia etiam vilissimi sanguinis; nemo non, cui alia desunt, hominis nomine apud me gratus est.

4. Severitatem abditam, at clementiam in procinctu habeo; sic me custodio, tamquam legibus, quas ex situ ac tenebris in lucem evocavi, rationem redditurus sim. Alterius aetate prima motus sum, alterius ultima; alium dignitati donavi, alium humilitati; quotiens nullam inveneram misericordiae causam, mihi peperci. Hodie dis immortalibus, si a me rationem repetant, adnumerare genus humanum paratus sum.'

5. Potes hoc, Caesar, audacter praedicare: omnia, quae in fidem tutelamque tuam venerunt, tuta haberi, nihil per te neque vi neque clam adimi rei publicae. Rarissimam laudem et nulli adhuc principum concessam concupisti innocentiam. Non perdit operam nec bonitas ista tua singularis ingratos aut malignos aestimatores nancta est. Refertur tibi gratia; nemo unus homo uni homini tam carus umquam fuit, quam tu populo Romano, magnum longumque eius bonum.

6. Sed ingens tibi onus imposuisti; nemo iam divum Augustum nec Ti. Caesaris prima tempora loquitur nec, quod te imitari velit, exemplar extra te quaerit; principatus tuus ad gustum exigitur. Difficile hoc fuisset, si non naturalis tibi ista bonitas esset, sed ad tempus sumpta. Nemo enim potest personam diu ferre, ficta cito in naturam suam recidunt; quibus veritas subest quaeque, ut ita dicam, ex solido enascuntur, tempore ipso in maius meliusque procedunt.

7. Magnam adibat aleam populus Romanus, cum incertum esset, quo se ista tua nobilis indoles daret; iam vota publica in tuto sunt; nec enim periculum est, ne te subita tui capiat oblivio. Facit quidem avidos nimia felicitas, nec tam temperatae cupiditates sunt umquam, ut in eo, quod contigit, desinant; gradus a magnis ad maiora fit, et spes improbissimas complectuntur insperata adsecuti; omnibus tamen nunc civibus tuis et haec confessio exprimitur esse felices et illa nihil iam his accedere bonis posse, nisi ut perpetua sint.

8. Multa illos cogunt ad hanc confessionem, qua nulla in homine tardior est: securitas alta, adfluens, ius supra omnem iniuriam positum; obversatur oculis laetissima forma rei publicae, cui ad summam libertatem nihil deest nisi pereundi licentia.

9. Praecipue tamen aequalis ad maximos imosque pervenit clementiae tuae admiratio; cetera enim bona pro portione fortunae suae quisque sentit aut exspectat maiora minoraque, ex clementia omnes idem sperant; nec est quisquam, cui tam valde innocentia sua placeat, ut non stare in conspectu clementiam paratam humanis erroribus gaudeat.

II.

1. Esse autem aliquos scio, qui clementia pessimum quemque putent sustineri, quoniam nisi post crimen supervacua est et sola haec virtus inter innocentes cessat. Sed primum omnium, sicut medicinae apud aegros usus, etiam apud sanos honor est, ita clementiam, quamvis poena digni invocent, etiam innocentes colunt. Deinde habet haec in persona quoque innocentium locum, quia interim fortuna pro culpa est; nec innocentiae tantum clementia succurrit, sed saepe virtuti, quoniam quidem condicione temporum incidunt quaedam, quae possint laudata puniri. Adice, quod magna pars hominum est, quae reverti ad innocentiam possit, si poenae remissio fuerit>.

2. Non tamen volgo ignoscere decet; nam ubi discrimen inter malos bonosque sublatum est, confusio sequitur et vitiorum eruptio; itaque adhibenda moderatio est, quae sanabilia ingenia distinguere a deploratis sciat. Nec promiscuam habere ac volgarem clementiam oportet nec abscisam; nam tam omnibus ignoscere crudelitas quam nulli. Modum tenere debemus; sed quia difficile est temperamentum, quidquid aequo plus futurum est, in partem humaniorem praeponderet.

III.

1. Sed haec suo melius loco dicentur. Nunc in tres partes omnem hanc materiam dividam. Prima erit manumissionis; secunda, quae naturam clementiae habitumque demonstrat: nam cum sint vitia quaedam virtutes imitantia, non possunt secerni, nisi signa, quibus dinoscantur, impresseris; tertio loco quaeremus, quomodo ad hanc virtutem perducatur animus, quomodo confirmet eam et usu suam faciat.

2. Nullam ex omnibus virtutibus homini magis convenire, cum sit nulla humanior, constet necesse est non solum inter nos, qui hominem sociale animal communi bono genitum videri volumus, sed etiam inter illos, qui hominem voluptati donant, quorum omnia dicta factaque ad utilitates suas spectant; nam si quietem petit et otium, hanc virtutem naturae suae nactus est, quae pacem amat et manus retinet.

3. Nullum tamen clementia ex omnibus magis quam regem aut principem decet. Ita enim magnae vires decori gloriaeque sunt, si illis salutaris potentia est; nam pestifera vis est valere ad nocendum. Illius demum magnitudo stabilis fundataque est, quem omnes tam supra se esse quam pro se sciunt, cuius curam excubare pro salute singulorum atque universorum cottidie experiuntur, quo procedente non, tamquam malum aliquod aut noxium animal e cubili prosilierit, diffugiunt, sed tamquam ad clarum ac beneficum sidus certatim advolant. Obicere se pro illo mucronibus insidiantium paratissimi et substernere corpora sua, si per stragem illi humanam iter ad salutem struendum sit, somnum eius nocturnis excubiis muniunt, latera obiecti circumfusique defendunt, incurrentibus periculis se opponunt.

4. Non est hic sine ratione populis urbibusque consensus sic protegendi amandique reges et se suaque iactandi, quocumque desideravit imperantis salus; nec haec vilitas sui est aut dementia pro uno capite tot milia excipere ferrum ac multis mortibus unam animam redimere nonnumquam senis et invalidi.

5. Quemadmodum totum corpus animo deservit et, cum hoc tanto maius tantoque speciosius sit, ille in occulto maneat tenuis et in qua sede latitet incertus, tamen manus, pedes, oculi negotium illi gerunt, illum haec cutis munit, illius iussu iacemus aut inquieti discurremus, cum ille imperavit, sive avarus dominus est, mare lucri causa scrutamur, sive ambitiosus, iam dudum dextram flammis obiecimus aut voluntarii terram subsiluimus, sic haec immensa multitudo unius animae circumdata illius spiritu regitur, illius ratione flectitur pressura se ac fractura viribus suis, nisi consilio sustineretur.

IV.

1. Suam itaque incolumitatem amant, cum pro uno homine denas legiones in aciem deducunt, cum in primam frontem procurrunt et adversa vulneribus pectora ferunt, ne imperatoris sui signa vertantur. Ille est enim vinculum, per quod res publica cohaeret, ille spiritus vitalis, quem haec tot milia trahunt nihil ipsa per se futura nisi onus et praeda, si mens illa imperii subtrahatur.

Rege incolumi mens omnibus una; amisso rupere fidem.

2. Hic casus Romanae pacis exitium erit, hic tanti fortunam populi in ruinas aget; tam diu ab isto periculo aberit hic populus, quam diu sciet ferre frenos, quos si quando abruperit vel aliquo casu discussos reponi sibi passus non erit, haec unitas et hic maximi imperii contextus in partes multas dissiliet, idemque huic urbi finis dominandi erit, qui parendi fuerit.

3. Ideo principes regesque et quocumque alio nomine sunt tutores status publici non est mirum amari ultra privatas etiam necessitudines; nam si sanis hominibus publica privatis potiora sunt, sequitur, ut is quoque carior sit, in quem se res publica convertit. Olim enim ita se induit rei publicae Caesar, ut seduci alterum non posset sine utriusque pernicie; nam et illi viribus opus est et huic capite.

V.

1. Longius videtur recessisse a proposito oratio mea, at mehercules rem ipsam premit. Nam si, quod adhuc colligit, tu animus rei publicae tuae es, illa corpus tuum, vides, ut puto, quam necessaria sit clementia; tibi enim parcis, cum videris alteri parcere. Parcendum itaque est etiam improbandis civibus non aliter quam membris languentibus, et, si quando misso sanguine opus est, sustinenda est manus, ne ultra, quam necesse sit, incidat.

2. Est ergo, ut dicebam, clementia omnibus quidem hominibus secundum naturam, maxime tamen decora imperatoribus, quanto plus habet apud illos, quod servet, quantoque in maiore materia apparet. Quantulum enim nocet privata crudelitas! principum saevitia bellum est.

3. Cum autem virtutibus inter se sit concordia nec ulla altera melior aut honestior sit, quaedam tamen quibusdam personis aptior est. Decet magnanimitas quemlibet mortalem, etiam illum, infra quem nihil est; quid enim maius aut fortius quam malam fortunam retundere? Haec tamen magnanimitas in bona fortuna laxiorem locum habet meliusque in tribunali quam in plano conspicitur.

4. Clementia, in quamcumque domum pervenerit, eam felicem tranquillamque praestabit, sed in regia, quo rarior, eo mirabilior. Quid enim est memorabilius quam eum, cuius irae nihil obstat, cuius graviori sententiae ipsi, qui pereunt, adsentiuntur, quem nemo interpellaturus est, immo, si vehementius excaudit, ne deprecaturus est quidem, ipsum sibi manum inicere et potestate sua in melius placidiusque uti hoc ipsum cogitantem: 'Occidere contra legem nemo non potest, servare nemo praeter me'?

5. Magnam fortunam magnus animus decet, qui, nisi se ad illam extulit et altior stetit, illam quoque infra ad terram deducit; magni autem animi proprium est placidum esse tranquillumque et iniurias atque offensiones superne despiciere. Muliebre est furere in ira, ferarum vero nec generosarum

quidem praemordere et urguere proiectos. Elephanti leonesque transeunt, quae impulerunt; ignobilis bestiae pertinacia est.

6. Non decet regem saeva nec inexorabilis ira, non multum enim supra eum eminet, cui se irascendo exaequat; at si dat vitam, si dat dignitatem periclitantibus et meritis amittere, facit, quod nulli nisi rerum potenti licet; vita enim etiam superiori eripitur, numquam nisi inferiori datur.

7. Servare proprium est excellentis fortunae, quae numquam magis suspici debet, quam cum illi contigit idem posse quod dis, quorum beneficio in lucem edimur tam boni quam mali. Deorum itaque sibi animum adserens princeps alios ex civibus suis, quia utiles bonique sunt, libens videat, alios in numerum relinquat; quosdam esse gaudeat, quosdam patiat.

VI.

1. Cogitato, in hac civitate, in qua turba per latissima itinera sine intermissione defluens eliditur, quotiens aliquid obstitit, quod cursum eius velut torrentis rapidi moraretur, in qua tribus eodem tempore theatris caveae postulantur, in qua consumitur quicquid terris omnibus aratur, quanta solitudo ac vastitas futura sit, si nihil relinquatur, nisi quod iudex severus absolverit.

2. Quotus quisque ex quaesitoribus est, qui non ex ipsa ea lege teneatur, qua quaerit? quotus quisque accusator vacat culpa? Et nescio, an nemo ad dandam veniam difficilior sit, quam qui illam petere saepius meruit.

3. Peccavimus omnes, alii gravia, alii leviora, alii ex destinato, alii forte impulsivi aut aliena nequitia ablati; alii in bonis consiliis parum fortiter stetimus et innocentiam inviti ac retinentes perdidimus; nec deliquimus tantum, sed usque ad extremum aevi delinquemus.

4. Etiam si quis tam bene iam purgavit animum, ut nihil obturbare eum amplius possit ac fallere, ad innocentiam tamen peccando pervenit.

VII.

1. Quoniam deorum feci mentionem, optime hoc exemplum principi constituam, ad quod formetur, ut se talem esse civibus, quales sibi deos velit. Expediit ergo habere inexorabilia peccatis atque erroribus numina, expediit usque ad ultimam infesta perniciem? Et quis regum erit tutus, cuius non membra haruspices colligant?

2. Quod si di placabiles et aequi delicta potentium non statim fulminibus persequuntur, quanto aequius est hominem hominibus praepositum miti animo exercere imperium et cogitare, uter mundi status gratior oculis pulchriorque sit, sereno et puro die, an cum fragoribus crebris omnia quatiuntur et ignes hinc atque illinc micant! Atqui non alia facies est quieti moratique imperii quam sereni caeli et nitentis.

3. Crudele regnum turbidum tenebrisque obscurum est, inter trementes et ad repentinum sonitum expavescentes ne eo quidem, qui omnia perturbat, inconcusso. Facilius privatis ignoscitur pertinaciter se vindicantibus; possunt enim laedi, dolorque eorum ab iniuria venit; timent praeterea contemptum, et non rettulisse laedentibus gratiam infirmitas videtur, non clementia; at cui ultio in facili est, is omissa ea certam laudem mansuetudinis consequitur.

4. Humili loco positus exercere manum, litigare, in rixam procurrere ac morem irae suae gerere liberius est; leves inter paria ictus sunt; regi vociferatio quoque verborumque intemperantia non ex maiestate est.

VIII.

1. Grave putas eripi loquendi arbitrium regibus, quod humillimi habent. 'Ista' inquis 'servitus est, non imperium.' Quid? tu non experiris istud nobis esse, tibi servitatem? Alia condicio est eorum, qui in turba, quam non excedunt, latent, quorum et virtutes, ut appareant, diu luctantur et vitia tenebras habent; vestra facta dictaque rumor excipit, et ideo nullis magis curandum est, qualem famam habeant, quam qui, qualemcumque meruerint, magnam habituri sunt.

2. Quam multa tibi non licent, quae nobis beneficio tuo licent! Possum in qualibet parte urbis solus incedere sine timore, quamvis nullus sequatur comes, nullus sit domi, nullus ad latus gladius; tibi in tua pace armato vivendum est. Aberrare a fortuna tua non potes; obsidet te et, quocumque descendis, magno apparatu sequitur.

3. Est haec summae magnitudinis servitus non posse fieri minorem; sed cum dis tibi communis ipsa necessitas est. Nam illos quoque caelum adligatos tenet, nec magis illis descendere datum est quam tibi tutum: fastigio tuo adfixus es.

4. Nostros motus pauci sentiunt, prodire nobis ac recedere et mutare habitum sine sensu publico licet; tibi non magis quam soli latere contingit. Multa circa te lux est, omnium in istam conversi oculi sunt; prodire te putas? Oritis.

5. Loqui non potes, nisi ut vocem tuam, quae ubique sunt gentes, excipiant; irasci non potes, nisi ut omnia tremant, quia neminem adfligere, nisi ut, quidquid circa fuerit, quatiatur. Ut fulmina paucorum periculo cadunt, omnium metu, sic animadversiones magnarum potestatum terrent latius quam nocent, non sine causa; non enim, quantum fecerit, sed quantum facturus sit, cogitatur in eo, qui omnia potest.

6. Adice nunc, quod privatos homines ad accipiendas iniurias opportuniores acceptarum patientia facit, regibus certior est ex mansuetudine securitas, quia frequens vindicta paucorum odium opprimit, omnium iritat.

7. Voluntas oportet ante saeviendi quam causa deficiat; alioqui, quemadmodum praecisae arbores plurimis ramis repullulant et multa satorum genera, ut densiora surgant, reciduntur, ita regia crudelitas auget inimicorum numerum tollendo; parentes enim liberique eorum, qui interfecti sunt, et propinqui et amici in locum singulorum succedunt.

IX.

1. Hoc quam verum sit, admonere te exemplo domestico volo. Divus Augustus fuit mitis princeps, si quis illum a principatu suo aestimare incipiat; in communi quidem rei publicae gladium movit. Cum hoc aetatis esset, quod tu nunc es, duodevicesimum egressus annum, iam pugiones in sinum amicorum absconderat, iam insidiis M. Antonii consulis latus petierat, iam fuerat collega proscriptionis.

2. Sed cum annum quadragensimum transisset et in Gallia moraretur, delatum est ad eum indicium L. Cinnam, stolidi ingenii virum, insidias ei struere; dictum est, et ubi et quando et quemadmodum adgredi vellet; unus ex consciis deferebat.

3. Constituit se ab eo vindicare et consilium amicorum advocari iussit. Nox illi inquieta erat, cum cogitaret adulescentem nobilem, hoc detracto integrum, Cn. Pompei nepotem, damnandum; iam unum hominem occidere non poterat, cui M. Antonius proscriptionis edictum inter cenam dictarat.

4. Gemens subinde voces varias emittebat et inter se contrarias: 'Quid ergo? Ego percussorem meum securum ambulare patiar me sollicito? Ergo non dabit poenas, qui tot civilibus bellis frustra petitem caput, tot navalibus, tot pedestribus proeliis incolume, postquam terra marique pax parata est, non occidere constituat, sed immolare?' (nam sacrificantem placuerat adoriri.)

5. Rursus silentio interposito maiore multo voce sibi quam Cinnae irascebatur: 'Quid vivis, si perire te tam multorum interest? Quis finis erit suppliciorum? Quis sanguinis? Ego sum nobilibus adulescentulis expositum caput, in quod mucrones acuunt; non est tanti vita, si, ut ego non peream, tam multa perdenda sunt.'

6. Interpellavit tandem illum Livia uxor et: 'Admittis' inquit 'muliebre consilium? Fac, quod medici solent, qui, ubi usitata remedia non procedunt, temptant contraria. Severitate nihil adhuc profecisti; Salvidienum Lepidus

secutus est, Lepidum Murena, Murenam Caepio, Caepionem Egnatius, ut alios taceam, quos tantum ausos pudet. Nunc tempta, quomodo tibi cedat clementia; ignosce L. Cinnae. Deprensus est; iam nocere tibi non potest, prodesse famae tuae potest.'

7. Gavisus, sibi quod advocatum invenerat, uxori quidem gratias egit, renuntiari autem extemplo amicis, quos in consilium rogaverat, imperavit et Cinnae unum ad se accersit dimissisque omnibus e cubiculo, cum alteram Cinnae poni cathedram iussisset: 'Hoc' inquit 'primum a te peto, ne me loquentem interpelles, ne medio sermone meo proclames; dabitur tibi loquendi liberum tempus.

8. Ego te, Cinna, cum in hostium castris invenissem, non factum tantum mihi inimicum sed natum, servavi, patrimonium tibi omne concessi. Hodie tam felix et tam dives es, ut victo victores invideant. Sacerdotium tibi petenti praeteritis compluribus, quorum parentes mecum militaverant, dedi; cum sic de te meruerim, occidere me constituisti.'

9. Cum ad hanc vocem exclamasset procul hanc ab se abesse dementiam: 'Non praestas' inquit 'fidem, Cinna; convenerat, ne interloquereris. Occidere, inquam, me paras'; adiecit locum, socios, diem, ordinem insidiarum, cui commissum esset ferrum. 10. Et cum defixum videret nec ex conventionem iam, sed ex conscientia tacentem: 'Quo' inquit 'hoc animo facis? ut ipse sis princeps? male mehercules cum populo Romano agitur, si tibi ad imperandum nihil praeter me obstat. Domum tueri tuam non potes, nuper libertini hominis gratia in privato iudicio superatus es; adeo nihil facilius potes quam contra Caesarem advocare. Cedo, si spes tuas solus impedio, Paulusne te et Fabius Maximus et Cossi et Servilii ferent tantumque agmen nobilium non inania nomina praeferentium, sed eorum, qui imaginibus suis decori sint?'

11. Ne totam eius orationem repetendo magnam partem voluminis occupem (diutius enim quam duabus horis locutum esse constat, cum hanc poenam, qua sola erat contentus futurus, extenderet): 'Vitam' inquit 'tibi, Cinna, iterum do, prius hosti, nunc insidiatori ac parricidae. Ex hodierno die inter nos amicitia incipiat; contendamus, utrum ego meliore fide tibi vitam dederim an tu debeas.'

12. Post hoc detulit ultro consulatum questus quod non auderet petere. Amicissimum fidelissimumque habuit, heres solus illi fuit. Nullis amplius insidiis ab ullo petitus est.

X.

1. Ignovit abavus tuus victis; nam si non ignovisset, quibus imperasset? Sallustium et Cocceios et Deillios et totam cohortem primae admissionis ex adversariorum castris conscripsit; iam Domitios, Messalas, Asinios, Cicerones, quidquid floris erat in civitate, clementiae suae debebat. Ipsum Lepidum quam diu mori passus est! Per multos annos tulit ornamenta principis retinentem et pontificatum maximum non nisi mortuo illo transferri in se passus est; maluit enim illum honorem vocari quam spolium.

2. Haec eum clementia ad salutem securitatemque perduxit; haec gratum ac favorabilem reddidit, quamvis nondum subactis populi Romani cervicibus manum imposuisset; haec hodieque praestat illi famam, quae vix vivis principibus servit.

3. Deum esse non tamquam iussi credimus; bonum fuisse principem Augustum, bene illi parentis nomen convenisse fatemur ob nullam aliam causam, quam quod contumelias quoque suas, quae acerbiores principibus solent esse quam iniuriae, nulla crudelitate exsequebatur, quod probrosis in se dictis adrisit, quod dare illum poenas apparebat, cum exigeret, quod, quoscumque ob adulterium filiae suae damnaverat, adeo non occidit, ut dimissis, quo tutiores essent, diplomata daret.

4. Hoc est ignoscere, cum scias multos futuros, qui pro te irascantur et tibi sanguine alieno gratificentur, non dare tantum salutem, sed praestare.

XI.

1. Haec Augustus senex aut iam in senectutem annis vergentibus; in adulescentia caluit, arsit ira, multa fecit, ad quae invitus oculos retorquebat. Comparare nemo mansuetudini tuae audebit divum Augustum, etiam si in certamen iuvenilium annorum deduxerit senectutem plus quam maturam; fuerit moderatus et clemens, nempe post mare Actiacum Romano cruore infectum, nempe post fractas in Sicilia classes et suas et alienas, nempe post Perusinas aras et proscriptiones.

2. Ego vero clementiam non voco lassam crudelitatem; haec est, Caesar, clementia vera, quam tu praestas, quae non saevitiae paenitentia coepit, nullam habere maculam, numquam civilem sanguinem fudisse; haec est in maxima potestate verissima animi temperantia et humani generis comprehendens ut sui amor non cupiditate aliqua, non temeritate ingenii, non priorum principum exemplis corruptum, quantum sibi cives suos liceat, experiendo temptare, sed hebetare aciem imperii sui.

3. Praestitisti, Caesar, civitatem incruentam, et hoc, quod magno animo gloriatus es nullam te toto orbe stillam cruoris humani misisse, eo maius est mirabiliusque, quod nulli umquam citius gladius commissus est.

4. Clementia ergo non tantum honestiores sed tutiores praestat ornamentumque imperiorum est simul et certissima salus. Quid enim est, cur reges consenuerint liberisque ac nepotibus tradiderint regna, tyrannorum execrabilis ac brevis potestas sit? Quid interest inter tyrannum ac regem (species enim ipsa fortunae ac licentia par est), nisi quod tyranni in voluptatem saeviunt, reges non nisi ex causa ac necessitate?

XII.

1. 'Quid ergo? Non reges quoque occidere solent?' Sed quotiens id fieri publica utilitas persuadet; tyrannis saevitia cordi est. Tyrannus autem a rege factis distat, non nomine; nam et Dionysius maior iure meritoque praeferrī multis regibus potest, et L. Sullam tyrannum appellari quid prohibet, cui occidendi finem fecit inopia hostium?

2. Descenderit licet e dictatura sua et se togae reddiderit, quis tamen umquam tyrannus tam avide humanum sanguinem bibit quam ille, qui septem milia civium Romanorum contrucidari iussit et, cum in vicino ad aedem Bellonae sedens exaudisset conclamationem tot milium sub gladio gementium, exterrito senatu: 'Hoc agamus' inquit, 'P.C.; seditiosi pauculi meo iussu occiduntur'?

3. Hoc non est mentitus; pauci Sullae videbantur. Sed mox de Sulla, cum quaeremus, quomodo hostibus irascendum sit, utique si in hostile nomen cives et ex eodem corpore abrupti transierint; interim, hoc quod dicebam, clementia efficit, ut magnum inter regem tyrannumque discrimen sit, uterque licet non minus armis valletur; sed alter arma habet, quibus in munimentum pacis utitur, alter, ut magno timore magna odia compescat, nec illas ipsas manus, quibus se commisit, securus adspicit.

4. Contrariis in contraria agitur; nam cum invisus sit, quia timetur, timeri vult, quia invisus est, et illo execrabili versu, qui multos praecipites dedit, utitur: Oderint, dum metuant, ignarus, quanta rabies oriatur, ubi supra modum odia creverunt. Temperatus enim timor cohibet animos, adsiduus vero et acer et extrema admoventes in audaciam iacentes excitat et omnia experiri suadet.

5. Sic feras linea et pinnae clusas contineant, easdem a tergo eques telis incessat: temptabunt fugam per ipsa, quae fugerant, proculcabuntque formidinem. Acerrima virtus est, quam ultima necessitas extundit. Relinquat oportet securi aliquid metus multoque plus spei quam

periculorum ostendet; alioqui, ubi quiescenti paria metuuntur, incurrere in pericula iuvat et ut aliena anima abuti.

XIII.

1. Placido tranquilloque regi fida sunt auxilia sua, ut quibus ad communem salutem utatur, gloriosusque miles (publicae enim securitati se dare operam videt) omnem laborem libens patitur ut parentis custos; at illum acerbum et sanguinarium necesse est graventur stipatores sui.

2. Non potest habere quisquam bonae ac fidae voluntatis ministros, quibus in tormentis ut eculeo et ferramentis ad mortem paratis utitur, quibus non aliter quam bestiis homines obiectat, omnibus reis aerumnosior ac sollicitior, ut qui homines deosque testes facinorum ac vindices timeat, eo perductus, ut non liceat illi mutare mores. Hoc enim inter cetera vel pessimum habet crudelitas: perseverandum est nec ad meliora patet regressus; scelera enim sceleribus tuenda sunt. Quid autem eo infelicius, cui iam esse malo necesse est?

3. O miserabilem illum, sibi certe! nam ceteris misereri eius nefas sit, qui caedibus ac rapinis potentiam exercuit, qui suspecta sibi cuncta reddidit tam externa quam domestica, cum arma metuat, ad arma confugiens, non amicorum fidei credens, non pietati liberorum; qui, ubi circumspexit, quaeque fecit quaeque facturus est, et conscientiam suam plenam sceleribus ac tormentis adaperuit, saepe mortem timet, saepius optat, invisior sibi quam servientibus.

4. E contrario is, cui curae sunt universa, qui alia magis, alia minus tuetur, nullam non rei publicae partem tamquam sui nutrit, inclinatus ad mitiora, etiam, si ex usu est animadvertere, ostendens, quam invitus aspero remedio manus admoveat, in cuius animo nihil hostile, nihil efferum est, qui potentiam suam placide ac salutariter exercet adprobare imperia sua civibus cupiens, felix abunde sibi visus, si fortunam suam publicarit, sermone adfabilis, aditu accessuque facilis, voltu, qui maxime populos demeretur, amabilis, aequis desideriis propensus, etiam inquis non acerbus, a tota civitate amatur, defenditur, colitur.

5. Eadem de illo homines secreto loquuntur quae palam; tollere filios cupiunt et publicis malis sterilitas indicta recluditur; bene se meriturum de liberis suis quisque non dubitat, quibus tale saeculum ostenderit. Hic princeps suo beneficio tutus nihil praesidiis eget, arma ornamenti causa habet.

XIV.

1. Quod ergo officium eius est? Quod bonorum parentium, qui obiurgare liberos non numquam blande, non numquam minaciter solent, aliquando admonere etiam verberibus. Numquid aliquis sanus filium a prima offensa exheredat? nisi magnae et multae iniuriae patientiam evicerunt, nisi plus est, quod timet, quam quod damnat, non accedit ad decretorium stilum; multa ante temptat, quibus dubiam indolem et peiore iam loco positam revocet; simul deploratum est, ultima experitur. Nemo ad supplicia exigenda pervenit, nisi qui remedia consumpsit.

2. Hoc, quod parenti, etiam principi faciendum est, quem appellavimus Patrem Patriae non adulatione vana adducti. Cetera enim cognomina honori data sunt; Magnos et Felices et Augustos diximus et ambitiosae maiestati quicquid potuimus titulorum congegimus illis hoc tribuentes; Patrem quidem Patriae appellavimus, ut sciret datam sibi potestatem patriam, quae est temperantissima liberis consulens suaque post illos reponens.

3. Tarde sibi pater membra sua abscidat, etiam, cum absciderit, reponere cupiat et in abscidendo gemat cunctatus multum diuque; prope est enim, ut libenter damnet, qui cito; prope est, ut inique puniat, qui nimis.

XV.

1. Trichonem equitem Romanum memoria nostra, quia filium suum flagellis occiderat, populus graphiis in foro confodit; vix illum Augusti Caesaris auctoritas infestis tam patrum quam filiorum manibus eripuit.

2. Tarium, qui filium deprensus in parricidii consilio damnavit causa cognita, nemo non suspexit, quod contentus exsilio et exsilio delicato Massiliae parricidam continuit et annua illi praestitit, quanta praestare integro solebat; haec liberalitas effecit, ut, in qua civitate numquam deest patronus peioribus, nemo dubitaret, quin reus merito damnatus esset, quem is pater damnare potuisset, qui odisse non poterat.

3. Hoc ipso exemplo dabo, quem compares bono patri, bonum principem. Cogniturus de filio Tarius advocavit in consilium Caesarem Augustum; venit in privatos penates, adsedit, pars alieni consilii fuit, non dixit; 'Immo in meam domum veniat'; quod si factum esset, Caesaris futura erat cognitio, non patris.

4. Audita causa excussisque omnibus, et his, quae adulescens pro se dixerat, et his, quibus arguebatur, petit, ut sententiam suam quisque scriberet, ne ea omnium fieret, quae Caesaris fuisset; deinde, priusquam aperirentur codicilli, iuravit se Tarii, hominis locupletis, hereditatem non aditurum.

5. Dicit aliquis: 'Pusillo animo timuit, ne videretur locum spei suae aperire velle filii damnatione.' Ego contra sentio; quilibet nostrum debuisset adversus opiniones malignas satis fiduciae habere in bona conscientia, principes multa debent etiam famae dare. Iuravit se non aditurum hereditatem.

6. Tarius quidem eodem die et alterum heredem perdidit, sed Caesar libertatem sententiae suae redemit; et postquam adprobavit gratuitam esse severitatem suam, quod principi semper curandum est, dixit relegandum, quo patri videretur.

7. Non culleum, non serpentes, non carcerem decrevit memor, non de quo censeret, sed cui in consilio esset; mollissimo genere poenae contentum esse debere patrem dixit in filio adolescentulo impulso in id scelus, in quo se, quod proximum erat ab innocentia, timide gessisset; debere illum ab urbe et a parentis oculis submoveri.

XVI.

1. O dignum, quem in consilium patres advocarent! O dignum, quem coheredem innocentibus liberis scriberent! Haec clementia principem decet; quocumque venerit, mansuetiora omnia faciat. Nemo regi tam vilis sit, ut illum perire non sentiat; qualiscumque pars imperii est.
2. In magna imperia ex minoribus petamus exemplum. Non unum est imperandi genus; imperat princeps civibus suis, pater liberis, praeceptor discipulis, tribunus vel centurio militibus.
3. Nonne pessimus pater videbitur, qui adsiduis plagis liberos etiam ex levissimis causis compescet? Uter autem praeceptor liberalibus studiis dignior, qui excarnificabit discipulos, si memoria illis non constiterit aut si parum agilis in legendo oculus haeserit, an qui monitionibus et verecundia emendare ac docere malit? Tribunum centurionemque da saevum: desertores faciet, quibus tamen ignoscitur.
4. Numquidnam aequum est gravius homini et durius imperari, quam imperatur animalibus mutis? Atqui equum non crebris verberibus exterret domandi peritus magister; fiet enim formidolosus et contumax, nisi eum blandiente tactu permulseris.
5. Idem facit ille venator, qui instituit catulos vestigia sequi qui iam exercitatis utitur ad excitandas vel persequendas feras: nec crebro illis minatur (contundet enim animos et, quicquid est indolis, comminuetur trepidatione degeneri) nec licentiam vagandi errandique passim concedit. Adicias his licet tardiora agentes iumenta, quae, cum ad contumeliam et miserias nata sint, nimia saevitia cogantur iugum detractare.

XVII.

1. Nullum animal morosius est, nullum maiore arte tractandum quam homo, nulli magis parcendum. Quid enim est stultius quam in iumentis quidem et canibus erubescere iras exercere, pessima autem condicione sub homine hominem esse? Morbis medemur nec irascimur; atqui et hic morbus est animi; mollem medicinam desiderat ipsumque medentem minime infestum aegro.

2. Mali medici est desperare, ne curet: idem in iis, quorum animus adfectus est, facere debet is, cui tradita salus omnium est, non cito spem proicere nec mortifera signa pronuntiare; luctetur cum vitiis, resistat, aliis morbum suum exprobret, quosdam molli curatione decipiat citius meliusque sanaturus remediis fallentibus; agat princeps curam non tantum salutis, sed etiam honestae cicatricis.

3. Nulla regi gloria est ex saeva animadversione (quis enim dubitat posse?), at contra maxima, si vim suam continet, si multos irae alienae eripuit, neminem suae impendit.

XVIII.

1. Servis imperare moderate laus est. Et in mancipio cogitandum est, non quantum illud impune possit pati, sed quantum tibi permittat aequi bonique natura, quae parcere etiam captivis et pretio paratis iubet. Quanto iustius iubet hominibus liberis, ingenuis, honestis non ut mancipiis abuti sed ut his, quos gradu antecedas quorumque tibi non servitus tradita sit, sed tutela.

2. Servis ad statuam licet confugere; cum in servum omnia liceant, est aliquid, quod in hominem licere commune ius animantium vetet. Quis non Vedium Pollionem peius oderat quam servi sui, quod muraenas sanguine humano saginabat et eos, qui se aliquid offenderant, in vivarium, quid aliud quam serpentium, abici iubebat? O hominem mille mortibus dignum, sive devorandos servos obiciebat muraenis, quas esurus erat, sive in hoc tantum illas alebat, ut sic aleret.

3. Quemadmodum domini crudeles tota civitate commonstrantur invisique et detestabiles sunt, ita regum et iniuria latius patet et infamia atque odium saeculis traditur; quanto autem non nasci melius fuit, quam numerari inter publico malo natos!

XIX.

1. Excogitare nemo quicquam poterit, quod magis decorum regenti sit quam clementia, quocumque modo is et quocumque iure praepositus ceteris erit. Eo scilicet formosius id esse magnificentiusque fatebimur, quo in maiore praestabitur potestate, quam non oportet noxiam esse, si ad naturae legem componitur.

2. Natura enim commenta est regem, quod et ex aliis animalibus licet cognoscere et ex apibus; quarum regi amplissimum cubile est medioque ac tutissimo loco; praeterea opere vacat exactor alienorum operum, et amisso rege totum dilabatur, nec umquam plus unum patiuntur melioremque pugna quaerunt; praeterea insignis regi forma est dissimilisque ceteris cum magnitudine tum nitore.

3. Hoc tamen maxime distinguitur: iracundissimae ac pro corporis captu pugnacissimae sunt apes et aculeos in vulnere relinquunt, rex ipse sine aculeo est; noluit illum natura nec saevum esse nec ultionem magno constaturam petere telumque detraxit et iram eius inermem reliquit. Exemplar hoc magnis regibus ingens; est enim illi mos exercere se in parvis et ingentium rerum documenta in minima parere.

4. Pudeat ab exiguis animalibus non trahere mores, cum tanto hominum moderatior esse animus debeat, quanto vehementius nocet. Utinam quidem eadem homini lex esset et ira cum telo suo frangeretur nec saepius liceret nocere quam semel nec alienis viribus exercere odia! Facile enim lassaretur furor, si per se sibi satis faceret et si mortis periculo vim suam effunderet.

5. Sed ne nunc quidem illi cursus tutus est; tantum enim necesse est timeat, quantum timeri voluit, et manus omnium observet et eo quoque tempore, quo non captatur, peti se iudicet nullumque momentum immune a metu habeat. Hanc aliquis agere vitam sustinet, cum liceat innoxium aliis, ob hoc securum, salutare potentiae ius laetis omnibus tractare? Errat enim, si quis

existimat tutum esse ibi regem, ubi nihil a rege tutum est; securitas securitate mutua paciscenda est.

6. Non opus est instruere in altum editas arces nec in adscensum arduos colles emunire nec latera montium abscidere, multiplicibus se muris turribusque saepire: salvum regem clementia in aperto praestabit. Unum est inexpugnabile munimentum amor civium.

7. Quid pulchrius est quam vivere optantibus cunctis et vota non sub custode nuncupantibus? Si paulum valetudo titubavit, non spem hominum excitari, sed metum? Nihil esse cuiquam tam pretiosum, quod non pro salute praesidis sui commutatum velit?

8. O ne ille, cui contingit ut sibi quoque vivere debeat? In hoc adsiduis bonitatis argumentis probavit non rem publicam suam esse, sed se rei publicae. Quis huic audeat struere aliquod periculum? Quis ab hoc non, si possit, fortunam quoque avertere velit, sub quo iustitia, pax, pudicitia, securitas, dignitas florent, sub quo opulenta civitas copia bonorum omnium abundat? Nec alio animo rectorem suum intuetur, quam si di immortales potestatem visendi sui faciant, intueamur venerantes colentesque.

9. Quid autem? Non proximum illis locum tenet is, qui se ex deorum natura gerit, beneficus ac largus et in melius potens? Hoc adfectare, hoc imitari decet, maximum ita haberi, ut optimus simul habeare.

XX.

1. A duabus causis punire princeps solet, si aut se vindicat aut alium. Prius de ea parte disseram, quae ipsum contingit; difficilius est enim moderari, ubi dolori debetur ultio, quam ubi exemplo.

2. Supervacuum est hoc loco admonere, ne facile credat, ut verum excutiat, ut innocentiae faveat et, ut appareat, non minorem agi rem periclitantis quam iudicis sciat; hoc enim ad iustitiam, non ad clementiam pertinet; nunc illum hortamur, ut manifeste laesus animum in potestate habeat et poenam, si tuto poterit, donet, si minus, temperet longeque sit in suis quam in alienis iniuriis exorabilior.

3. Nam quemadmodum non est magni animi, qui de alieno liberalis est, sed ille, qui, quod alteri donat, sibi detrahit, ita clementem vocabo non in alieno dolore facilem, sed eum, qui, cum suis stimulis exagitetur, non prosilit, qui intellegit magni animi esse iniurias in summa potentia pati nec quicquam esse gloriosius principe impune laeso.

XXI.

1. Ultio duas praestare res solet: aut solacium adfert ei, qui accepit iniuriam, aut in reliquum securitatem. Principis maior est fortuna, quam ut solacio egeat, manifestiorque vis, quam ut alieno malo opinionem sibi virium quaerat. Hoc dico, cum ab inferioribus petitus violatusque est; nam si, quos pares aliquando habuit, infra se videt, satis vindicatus est. Regem et servus occidit et serpens et sagitta; servavit quidem nemo nisi maior eo, quem servabat.

2. Uti itaque animose debet tanto munere deorum dandi auferendique vitam potens. In iis praesertim, quos scit aliquando sibi par fastigium obtinuisse, hoc arbitrium adeptus ultionem implevit perfecitque, quantum verae poenae satis erat; perdidit enim vitam, qui debet, et, quisquis ex alto ad inimici pedes abiectus alienam de capite regnoque sententiam exspectavit, in servatoris sui gloriam vivit plusque eius nomini confert incolumis, quam si ex oculis ablatum esset. Adsidium enim spectaculum alienae virtutis est; in triumpho cito transisset.

3. Si vero regnum quoque suum tuto relinqui apud eum potuit reponique eo, unde deciderat, ingenti incremento surgit laus eius, qui contentus fuit ex rege victo nihil praeter gloriam sumere. Hoc est etiam ex victoria sua triumphare testarique nihil se, quod dignum esset victore, apud victos invenisse.

4. Cum civibus et ignotis atque humilibus eo moderatius agendum est, quo minoris est adflixisse eos. Quibusdam libenter parcas, a quibusdam te vindicare fastidias et non aliter quam ab animalibus parvis sed obterentem inquinantibus reducenda manus est; at in iis, qui in ore civitatis servati punitique erunt, occasione notae clementiae utendum est.

XXII.

1. Transeamus ad alienas iniurias, in quibus vindicandis haec tria lex secuta est, quae princeps quoque sequi debet: aut ut eum, quem punit, emendet, aut ut poena eius ceteros meliores reddat, aut ut sublatis malis securiores ceteri vivant. Ipsos facilius emendabis minore poena; diligentius enim vivit, cui aliquid integri superest. Nemo dignitati perditae parcat; impunitatis genus est iam non habere poenae locum.

2. Civitatis autem mores magis corrigit parcitas animadversionum; facit enim consuetudinem peccandi multitudo peccantium, et minus gravis nota est, quam turba damnationum levat, et severitas, quod maximum remedium habet, adsiduitate amittit auctoritatem.

3. Constituit bonos mores civitati princeps et vitia eluit, si patiens eorum est, non tamquam probet, sed tamquam invitus et cum magno tormento ad castigandum veniat. Verecundiam peccandi facit ipsa clementia regentis; gravior multo poena videtur, quae a miti viro constituitur.

XXIII.

1. Praeterea videbis ea saepe committi, quae saepe vindicantur. Pater tuus plures intra quinquennium culleo insuit, quam omnibus saeculis insutos accepimus. Multo minus audebant liberi nefas ultimum admittere, quam diu sine lege crimen fuit. Summa enim prudentia altissimi viri et rerum naturae peritissimi maluerunt velut incredibile scelus et ultra audaciam positum praeterire quam, dum vindicant, ostendere posse fieri; itaque parricidae cum lege coeperunt, et illis facinus poena monstravit; pessimo vero loco pietas fuit, postquam saepius culleos vidimus quam cruces.

2. In qua civitate raro homines puniuntur, in ea consensus fit innocentiae et indulgetur velut publico bono. Putet se innocentem esse civitas, erit; magis irascetur a communi frugalitate desciscentibus, si paucos esse eos viderit. Periculosum est, mihi crede, ostendere civitati, quanto plures mali sint.

XXIV.

1. Dicta est aliquando a senatu sententia, ut servos a liberis cultus distingueret; deinde apparuit, quantum periculum immineret, si servi nostri numerare nos coepissent. Idem scito metuendum esse, si nulli ignoscitur; cito apparebit, pars civitatis deterior quanto praegravet. Non minus principi turpia sunt multa supplicia quam medico multa funera; remissius imperanti melius paretur.

2. Natura contumax est humanus animus et in contrarium atque arduum nitens sequiturque facilius quam ducitur; et ut generosi ac nobiles equi melius facili freno reguntur, ita clementiam voluntaria innocentia impetu suo sequitur, et dignam putat civitas, quam servet sibi. Plus itaque hac via proficitur.

XXV.

1. Crudelitas minime humanum malum est indignumque tam miti animo; ferina ista rabies est sanguine gaudere ac vulneribus et abiecto homine in silvestre animal transire. Quid enim interest, oro te, Alexander, leoni Lysimachum obicias an ipse laceres dentibus tuis? Tuum illud os est, tua illa feritas. O quam cuperes tibi potius ungues esse, tibi rictum illum edendorum hominum capacem! Non exigimus a te, ut manus ista, exitium familiarium certissimum, ulli salutaris sit, ut iste animus ferox, insatiabile gentium malum, citra sanguinem caedemque satietur; clementia iam vocatur, ad occidendum amicum cum carnifex inter homines eligitur.

2. Hoc est, quare vel maxime abominanda sit saevitia, quod excedit fines primum solitos, deinde humanos, nova supplicia conquirat, ingenium advocat, ut instrumenta excogitet, per quae varietur atque extendatur dolor, delectatur malis hominum; tunc illi dirus animi morbus ad insaniam pervenit ultimam, cum crudelitas versa est in voluptatem et iam occidere hominem iuvat.

3. Matura talem virum a tergo sequitur aversio, odia, venena, gladii; tam multis periculis petitur, quam multorum ipse periculum est, privatisque non numquam consiliis, alias vero consternatione publica circumvenitur. Levis enim et privata pernicietas non totas urbes movet; quod late furere coepit et omnes adpetit, undique configitur.

4. Serpentes parvulae fallunt nec publice conquiruntur; ubi aliqua solitam mensuram transit et in monstrum excrevit, ubi fontes sputu inficit et, si adflavit, deurit obteritque, quacumque incessit, ballistis petitur. Possunt verba dare et evadere pusilla mala, ingentibus obviam itur.

5. Sic unus aeger ne domum quidem perturbat; at ubi crebris mortibus pestilentiam esse apparuit, conclamatio civitatis ac fuga est, et dis ipsis manus intentantur. Sub uno aliquo tecto flamma apparuit: familia vicinique

aquam ingerunt; at incendium vastum et multas iam domos depastum parte
urbis obruitur.

XXVI.

1. Crudelitatem privatorum quoque serviles manus sub certo crucis periculo ultae sunt; tyrannorum gentes populique et, quorum erat malum, et ei, quibus imminebat, excindere adgressi sunt. Aliquando sua praesidia in ipsos consurrexerunt perfidiamque et impietatem et feritatem et, quidquid ab illis didicerant, in ipsos exercuerunt. Quid enim potest quisquam ab eo sperare, quem malum esse docuit? Non diu nequitia apparet nec, quantum iubetur, peccat.

2. Sed puta esse tutam crudelitatem, quale eius regnum est? Non aliud quam captarum urbium forma et terribiles facies publici metus. Omnia maesta, trepida, confusa; voluptates ipsae timentur; non convivia securi ineunt, in quibus lingua sollicite etiam ebriis custodienda est, non spectacula, ex quibus materia criminis ac periculi quaeritur. Apparentur licet magna impensa et regiis opibus et artificum exquisitis nominibus, quem tamen ludi in carcere iuvent?

3. Quod istud, di boni, malum est occidere, saevire, delectari sono catenarum et civium capita decidere, quocumque ventum est, multum sanguinis fundere, adspectu suo terrere ac fugare! Quae alia vita esset, si leones ursique regnarent, si serpentibus in nos ac noxiosissimo cuique animali daretur potestas?

4. Illa rationis expertia et a nobis immanitatis crimine damnata abstinent suis, et tuta est etiam inter feras similitudo: horum ne a necessariis quidem sibi rabies temperat, sed externa suaque in aequo habet, quo plus se exercitat, eo incitior. A singulorum deinde caedibus in exitia gentium serpit et inicere tectis ignem, aratrum vetustis urbibus inducere potentiam putat; et unum occidi iubere aut alterum parum imperatorium credit; nisi eodem tempore grex miserorum sub ictu stetit, crudelitatem suam in ordinem coactam putat.

5. Felicitas illa multis salutem dare et ad vitam ab ipsa morte revocare et mereri clementia civicam. Nullum ornamentum principis fastigio dignius pulchriusque est quam illa corona ob cives servatos, non hostilia arma detracta victis, non currus barbarorum sanguine cruenti, non parta bello spolia. Haec divina potentia est gregatim ac publice servare; multos quidem occidere et indiscretos incendii ac ruinae potentia est.

LIBER II

I.

1. Ut de clementia scriberem, Nero Caesar, una me vox tua maxime compulit, quam ego non sine admiratione et, cum diceretur, audisse memini et deinde aliis narraſſe, vocem generoſam, magni animi, magnae lenitatis, quae non composita nec alienis auribus data ſubito erupit et bonitatem tuam cum fortuna tua litigantem in medium adduxit.

2. Animadverſurus in latrones duos Burrus praefectus tuus, vir egregius et tibi principi natus, exigebat a te, ſcriberes, in quos et ex qua cauſa animadverti velles; hoc ſaepe dilatatum ut aliquando fieret, inſtabat. Invitus invito cum chartam protuliſſet traderetque, exclamasti: 'Vellem litteras nescirem!'

3. O dignam vocem, quam audirent omnes gentes, quae Romanum imperium incolunt quaeque iuxta iacent dubiae libertatis quaeque ſe contra viribus aut animis attollunt! O vocem in contionem omnium mortalium mittendam, in cuius verba principes regesque iurarent! O vocem publica generis humani innocentia dignam, cui redderetur antiquum illud ſaeculum!

4. Nunc profecto conſentire decebat ad aequum bonumque expulſa alieni cupidine, ex qua omne animi malum oritur, pietatem integritatemque cum fide ac modestia reſurgere et vitia diuturno abuſa regno dare tandem felici ac puro ſaeculo locum.

II.

1. Futurum hoc, Caesar, ex magna parte sperare et confidere libet. Tradetur ista animi tui mansuetudo diffundeturque paulatim per omne imperii corpus, et cuncta in similitudinem tuam formabuntur. A capite bona valetudo: inde omnia vegeta sunt atque erecta aut languore demissa, prout animus eorum vivit aut marcet. Erunt cives, erunt socii digni hac bonitate, et in totum orbem recti mores revertentur; parcetur ubique manibus tuis.

2. Diutius me morari hic patere, non ut blandum auribus tuis (nec enim hic mihi mos est; maluerim veris offendere quam placere adulando); quid ergo est? Praeter id, quod bene factis dictisque tuis quam familiarissimum esse te cupio, ut, quod nunc natura et impetus est, fiat iudicium, illud mecum considero multas voces magnas, sed detestabiles, in vitam humanam pervenisse celebresque volgo ferri, ut illam: 'oderint, dum metuant,' cui Graecus versus similis est, qui se mortuo terram misceri ignibus iubet, et alia huius notae.

3. Ac nescio quomodo ingenia in immani et invisae materia secundiore ore expresserunt sensus vehementes et concitatos; nullam adhuc vocem audii ex bono lenique animosam. Quid ergo est? Ut raro, invitus et cum magna cunctatione, ita aliquando scribas necesse est istud, quod tibi in odium litteras adduxit, sed, sicut facis, cum magna cunctatione, cum multis dilationibus.

III.

1. Et ne forte decipiat nos speciosum clementiae nomen aliquando et in contrarium abducat, videamus, quid sit clementia qualisque sit et quos fines habeat. Clementia est temperantia animi in potestate ulciscendi vel lenitas superioris adversus inferiorem in constituendis poenis. Plura proponere tutius est, ne una finitio parum rem comprehendat et, ut ita dicam, formula excidat; itaque dici potest et inclinatio animi ad lenitatem in poena exigenda.

2. Illa finitio contradictiones inveniet, quamvis maxime ad verum accedat, si dixerimus clementiam esse moderationem aliquid ex merita ac debita poena remittentem: reclamabitur nullam virtutem cuiquam minus debito facere. Atqui hoc omnes intellegunt clementiam esse, quae se flectit citra id, quod merito constitui posset.

IV.

1. Huic contrariam imperiti putant severitatem; sed nulla virtus virtuti contraria est. Quid ergo opponitur clementiae? Crudelitas, quae nihil aliud est quam atrocitas animi in exigendis poenis. 'Sed quidam non exigunt poenas, crudeles tamen sunt, tamquam qui ignotos homines et obvios non in compendium, sed occidendi causa occidunt nec interficere contenti saeviunt, ut Busiris ille et Procrustes et piratae, qui captos verberant et in ignem vivos imponunt.'

2. Haec crudelitas quidem; sed quia nec ultionem sequitur (non enim laesa est) nec peccato alicui irascitur (nullum enim antecessit crimen), extra finitionem nostram cadit; finitio enim continebat in poenis exigendis intemperantiam animi. Possumus dicere non esse hanc crudelitatem, sed feritatem, cui voluptati saevitia est; possumus insaniam vocare: nam varia sunt genera eius et nullum certius, quam quod in caedes hominum et lincinationes pervenit.

3. Illos ergo crudeles vocabo, qui puniendi causam habent, modum non habent, sicut in Phalari, quem aiunt non quidem in homines innocentes, sed super humanum ac probabilem modum saevisse. Possumus effugere cavillationem et ita finire, ut sit crudelitas inclinatio animi ad asperiora. Hanc clementia repellit longe iussam stare a se; cum severitate illi convenit.

4. Ad rem pertinet quaerere hoc loco, quid sit misericordia; plerique enim ut virtutem eam laudant et bonum hominem vocant misericordem. Et haec vitium animi est. Utraque circa severitatem circaque clementiam posita sunt, quae vitare debemus; per speciem enim severitatis in crudelitatem incidimus, per speciem clementiae in misericordiam. In hoc levioere periculo erratur, sed par error est a vero recedentium.

V.

1. Ergo quemadmodum religio deos colit, superstitio violat, ita clementiam mansuetudinemque omnes boni viri praestabunt, misericordiam autem vitabunt; est enim vitium pusilli animi ad speciem alienorum malorum succidentis. Itaque pessimo cuique familiarissima est; anus et mulierculae sunt, quae lacrimis nocentissimorum moventur, quae, si liceret, carcerem effringerent. Misericordia non causam, sed fortunam spectat; clementia rationi accedit.

2. Scio male audire apud imperitos sectam Stoicorum tamquam duram nimis et minime principibus regibusque bonum daturam consilium; obicitur illi, quod sapientem negat misereri, negat ignoscere. Haec, si per se ponantur, invisa sunt; videntur enim nullam relinquere spem humanis erroribus, sed omnia delicta ad poenam deducere.

3. Quod si est quidnam haec scientia, quae dediscere humanitatem iubet portumque adversus fortunam certissimum mutuo auxilio cludit? Sed nulla secta benignior leniorque est, nulla amantior hominum et communis boni attentior, ut propositum sit usui esse et auxilio nec sibi tantum, sed universis singulisque consulere.

4. Misericordia est aegritudo animi ob alienarum miseriarum speciem aut tristitia ex alienis malis contracta, quae accidere immerentibus credit; aegritudo autem in sapientem virum non cadit; serena eius mens est, nec quicquam incidere potest, quod illam obducat. Nihilque aequè hominem quam magnus animus decet; non potest autem magnus esse idem ac maestus.

5. Maeror contundit mentes, abicit, contrahit; hoc sapienti ne in suis quidem accidet calamitatibus, sed omnem fortunae iram reverberabit et ante se franget; eandem semper faciem servabit, placidam, inconcussam, quod facere non posset, si tristitiam reciperet.

VI.

1. Adice, quod sapiens et providet et in expedito consilium habet; numquam autem liquidum sincerumque ex turbido venit. Tristitia inhabilis est ad dispiciendas res, utilia excogitanda, periculosa vitanda, aequa aestimanda; ergo non miseretur, quia id sine miseria animi non fit.

2. Cetera omnia, quae, qui miserentur, volo facere, libens et altus animo faciet; succurret alienis lacrimis, non accedet; dabit manum naufrago, exsuli hospitium, egenti stipem, non hanc contumeliosam, quam pars maior horum, qui misericordes videri volunt, abicit et fastidit, quos adiuvat, contingique ab iis timet, sed ut homo homini ex communi dabit; donabit lacrimis maternis filium et catenas solvi iubebit et ludo eximet et cadaver etiam noxium sepeliet, sed faciet ista tranquilla mente, voltu suo.

3. Ergo non miserebitur sapiens, sed succurret, sed proderit, in commune auxilium natus ac bonum publicum, ex quo dabit cuique partem. Etiam ad calamitosos pro portione improbandosque et emendandos bonitatem suam permittet; adflictis vero et forte laborantibus multo libentius subveniet. Quotiens poterit, fortunae intercedet; ubi enim opibus potius utetur aut viribus, quam ad restituenda, quae casus impulit? Voltum quidem non deiciet nec animum ob crus alicuius aridum aut pannosam maciem et innixam baculo senectutem; ceterum omnibus dignis proderit et deorum more calamitosos propitius respiciet.

4. Misericordia vicina est miseriae; habet enim aliquid trahitque ex ea. Imbecillos oculos esse scias, qui ad alienam lippitudinem et ipsi subfunduntur, tam mehercules quam morbum esse, non hilaritatem, semper adridere ridentibus et ad omnium oscitationem ipsum quoque os diducere; misericordia vitium est animorum nimis miseria paventium, quam si quis a sapiente exigit, prope est, ut lamentationem exigit et in alienis funeribus gemitus.

VII.

1. 'At quare non ignoscet?' Agedum constituamus nunc quoque, quid sit venia, et sciemus dari illam a sapiente non debere. Venia est poenae merita remissio. Hanc sapiens quare non debeat dare, reddunt rationem diutius, quibus hoc propositum est; ego ut breviter tamquam in alieno iudicio dicam: Ei ignoscitur, qui puniri debuit; sapiens autem nihil facit, quod non debet, nihil praetermittit, quod debet; itaque poenam, quam exigere debet, non donat.

2. Sed illud, quod ex venia consequi vis, honestiore tibi via tribuet; parceret enim sapiens, consulet et corrigit; idem faciet, quod, si ignosceret, nec ignoscet, quoniam, qui ignoscit, fatetur aliquid se, quod fieri debuit, omisisse. Aliquem verbis tantum admonebit, poena non adficiet aetatem eius emendabilem intuens; aliquem invidia criminis manifeste laborantem iubebit incolumem esse, quia deceptus est, quia per vinum lapsus; hostes dimittet salvos, aliquando etiam laudatos, si honestis causis pro fide, pro foedere, pro libertate in bellum acciti sunt.

3. Haec omnia non veniae, sed clementiae opera sunt. Clementia liberum arbitrium habet; non sub formula, sed ex aequo et bono iudicat; et absolvere illi licet et, quanti vult, taxare litem. Nihil ex his facit, tamquam iusto minus fecerit, sed tamquam id, quod constituit, iustissimum sit. Ignoscere autem est, quem iudices puniendum, non punire; venia debitae poenae remissio est. Clementia hoc primum praestat, ut, quos dimittit, nihil aliud illos pati debuisse pronuntiet; plenior est quam venia, honestior est.

4. De verbo, ut mea fert opinio, controversia est, de re quidem convenit. Sapiens multa remittet, multos parum sani, sed sanabilis ingenii servabit. Agricolas bonos imitabitur, qui non tantum rectas procerasque arbores colunt; illis quoque, quas aliqua depravavit causa, adminicula, quibus derigantur, adplicant; alias circumcidunt, ne proceritatem rami premant, quasdam infirmas vitio loci nutriunt, quibusdam aliena umbra laborantibus caelum aperiunt.

5. Videbit, quod ingenium qua ratione tractandum sit, quo modo in rectum prava flectantur.

Bonus

Espero que tenha gostado deste ensaio. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do [Volume I](#) e [Volume II](#), aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

Obras filosóficas de Sêneca:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

OBRAS FILOSÓFICAS

- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [A Arte de ter Razão](#) por *Arthur Schopenhauer*
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por *St. George Stock*
- [Ciropédia](#) por *Xenofonte*
- [Utopia](#) por *Thomas More*
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por *Diógenes Laércio*
- [Andar a Pé](#) por *Henry David Thoreau*
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por *Epicuro*
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por *Epicuro*
- [O Dever do Advogado](#) por *Ruy Barbosa*
- [Os Sermões](#) por *Padre António Vieira*



Montecristo
Editora

I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio – liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, – que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. **Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse.** Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que cresça que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa

*gratior et pulchro veniens e corpore virtus.*¹

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo

contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu temos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto, muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.

5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos²? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, – a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e as lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são precípuas, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre

as coisas divinas; conseqüentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição³. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris⁴, clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?"

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as

luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abranda todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada.

Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente; aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos encham de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apega a suas decisões. Pois a razão não é um escravo dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e

agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, – um é agradável, outro é feio; da fortuna, – este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil⁵. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma unidade de vida é criada, – uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, – por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, – como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, – tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, – todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, – estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a

um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaja em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo – eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio⁶, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

NOTAS:

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua

mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.

Sumário

[Introdução – Nota do tradutor](#)

[Da Clemência - Livro I](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[XX](#)

[XXI](#)

[XXII](#)

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

Livro II

I

II

III

IV

V

VI

VII

NOTAS:

De Clementia ad Neronem Caesarem

Liber I

I.

II.

III.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

[XIV.](#)
[XV.](#)
[XVI.](#)
[XVII.](#)
[XVIII.](#)
[XIX.](#)
[XX.](#)
[XXI.](#)
[XXII.](#)
[XXIII.](#)
[XXIV.](#)
[XXV.](#)
[XXVI.](#)

[LIBER II](#)

[I.](#)
[II.](#)
[III.](#)
[IV.](#)
[V.](#)
[VI.](#)
[VII.](#)

[Bonus](#)

[Carta I. Sobre aproveitar o tempo](#)

[Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude](#)

[Sumário](#)

[Cronologia](#)

Cronologia

Para a maioria das obras de Sêneca não podemos dar datas definitivas

138- Lucius Cornelius Sulla.

78

aC

106- Marcus Tullius Cicero.

43

aC

100- Gaius Júlio César.

44

aC

55 pai de Sêneca, nasce em Corduba, Espanha.

aC

31 Derrota de Antonio na batalha de Actium, final da República.

aC

31 Principado de Augusto.

aC-

14

1 Sêneca nascido em Corduba; educação em Roma em retórica e filosofia.

aC

14- Principado de Tibério; Sêneca vai para o Egito por razões de saúde.

37

31 Seneca volta para a Itália; prossegue uma carreira política,

eventualmente tornando-se um questor.

- 37- Principado de Calígula; Sêneca escreve a Consolação para Marcia
41
- 39 Sêneca desperta o ciúme de Calígula e é ameaçado com execução.
- 41 Sêneca acusado de adultério com Julia Livilla (irmã de Calígula);
e Livros para a Córsega até 49. Escreve Consolação para Helvia e
Consolação a Polybeus.
- 41- Principado de Claudius.
54
- 49 O retorno de Sêneca a Roma é garantido por Agripina; torna-se tutor
para seu filho, o jovem Nero, assim como o pretor. Provável que
escreve “Sobre a Ira”, “Sobre a Tranquilidade da Alma” e “Sobre a
brevidade da vida”
- 54- Principado de Nero. Escreve “Sobre a Vida Feliz”
68
- 54- Consultor principal de Nero (juntamente com Burrus, prefeito da
62 Guarda pretoriana).
- 55 Nero envenena seu irmão mais novo, Britannicus
- 55-6 Escreve “Da Clemência”
- 58-9 Escreve “A Vida Feliz”
- 59 Nero mata sua mãe, Agripina. Escreve “Sobre lazer.”
- 62 Morte de Burrus. Sobre Benefícios. Sêneca se aposenta da vida
pública. Provavelmente escreve “Sobre a Providência”, “Perguntas
naturais” e “Cartas para Lucílio” neste período.

65 Sêneca comete suicídio, sob ordens de Nero, depois de ter sido implicado, erroneamente, na conspiração pisoniana contra o imperador.

Table of Contents

Introdução – Nota do tradutor

Da Clemência - Livro I

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

Livro II

I

II

III

IV

V

VI

VII

NOTAS:

De Clementia ad Neronem Caesarem

Liber I

I.

II.

III.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

XIV.

XV.

XVI.

XVII.

XVIII.

XIX.

XX.

XXI.

XXII.

XXIII.

XXIV.

XXV.

XXVI.

LIBER II

I.

II.

III.

IV.

V.

VI.
VII.

Bonus

Carta I. Sobre aproveitar o tempo

Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Sumário

Cronologia